



EU, LEITOR EU, LEITORA

Organização:
Christina Ramalho
Sara Rogéria Santos Barbosa



Criação Editora



PROFLETRAS

EU, LEITOR EU, LEITORA

Cristiane Costa
Fabiana Maria Barros Soares
Ghislain Santoni
Guilherme Andrade Gois
Janaine Santana de Souza
Jéssica Maria Pinto
Joabe Garcia
Kátia Mirelle
Leandra Brandão
Luciana Arcanjo
Patrick Wallas
Pricila Horrana
Railson Santos do Carmo
Rita Gois

Organização:
Christina Ramalho
Sara Rogéria Santos Barbosa



Criação Editora
Aracaju | 2025

Copyright © 2025, by Organizadores

Editoração eletrônica:
Adilma Menezes

Capa: Adilma menezes
Ilustração © Rox_amar | Dreamstime.com

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Isadora Pelosi CRB-8/11448

E86 Eu, leitor, eu, leitora/ Organizadores: Christina
Ramalho e Sara Rogéria Santos Barbosa. – Ara-
caju: Criação Editora, 2025.
106 p. (Ebook)
ISBN. 978-85-8413-657-5

1. Literatura. 2. Relatos. 3. Memórias. I. Ra-
malho, Christina (org.) II. Barbosa, Sara Rogéria
Santos (org.). III. Título.

CDU: 821.134.3(81)-94

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
NO MEIO DO CAMINHO, ENCONTREI LIVROS.....	9
Cristiane Costa	
NAS ENTRELINHAS DA MINHA MEMÓRIA: O COMEÇO DA LEITURA	17
Fabiana Maria Barros Soares	
LENDO E APRENDENDO: MINHA JORNADA LITERÁRIA	22
Ghislain Santoni	
ENTRE PÁGINAS, O LEITOR QUE FUI (E SOU!)	27
Guilherme Andrade Gois	
MINHA EXPERIÊNCIA COM A LITERATURA	33
Janaine Santana de Souza	
A PRÓPRIA MENINA QUE CAVAVA COM A CANETA.....	38
Jéssica Maria Pinto	
ENTRE LINHAS E CAMINHOS, UM ENCONTRO COM A PRÓPRIA HISTÓRIA...	44
Joabe Garcia	
MINHA HISTÓRIA COMO LEITORA	56
Kátia Mirelle	

LENDO O MUNDO: UMA VIAGEM DE RESISTÊNCIA E IMAGINAÇÃO 61

Leandra Brandão

NONADA TRAVESSIA 70

Luciana Arcanjo

A HISTÓRIA DE UM PROFESSOR-LEITOR 80

Patrick Wallas

MINHA PEQUENA IMENSIDÃO DE LETRAS 84

Pricila Horrana

EM POUCAS PALAVRAS, UM TEMPO 90

Railson Santos do Carmo

CULTIVO SILENCIOSO EM SOLO SECO: FRUTOS DE LEITURA..... 97

Rita Gois

APRESENTAÇÃO



“E tinha a cabeça cheia deles”. Essa frase intitula um dos contos da escritora Marina Colasanti e diz de forma simples o que representam os momentos que antecedem o ato da escrita: o fervilhar como uma comichão que só cessa quando a mente pare o primeiro verso ou o primeiro parágrafo. Um puxa o outro como fazem os fios de uma teia de aranha ou mesmo de um bordado e, quando menos se espera, nasceu o rebento.

Tecer o texto com os fios da memória foi o que fizeram os quatorze escritores deste livro. Cada um, a seu tempo, abriu o baú guardado na mente e, novelo a novelo, transformou em escritas de si seus primeiros contatos com o livro, a leitura e, por fim, o mergulhar no calmo ou revoltado mundo literário.

A literatura tem esse poder: o de nos deixar ser lidos ou nos permitir ler o outro. É bem verdade que essa escrita joga com as palavras e transforma o que é do outro em nosso, o que necessariamente não o é, mas bem que poderia ter sido. O encontro com as memórias reveladas aqui é uma prova de que nossas experiências se encruzilham e não se sabe se quem recorda somos nós ou eles, se já chegamos encantados ou se foram os relatos que nos enfeitiçaram.

Assim, este é, sobretudo, um convite à leitura dessas histórias de 14 professores e professoras que se encantaram

pela literatura e resolveram partilhar conosco um punhado de suas trajetórias. Cada um e cada uma contam de modo próprio e diferente, como se deu seu encontro com os livros e as leituras. Conhecer essas histórias de vida e de leitura não só emociona como nos faz tentar recuperar nossa própria história como leitores e leitoras.

E mais: descobrir como a leitura pode transformar vidas nos leva a sentir esperança e a ver, nos livros e em outros tipos de canais de circulação de textos – de toda natureza, mas, em especial, os literários – um caminho possível para realizações pessoais, profissionais e emocionais que, no materialismo do mundo contemporâneo, pareceriam utopias se não tivéssemos essas leituras ao alcance de nossa mão.

O grupo, envolvido no Mestrado Profissional de Letras, do campus Itabaiana, da Universidade Federal de Sergipe, e em suas próprias atividades como docentes do Ensino Básico, oferece seus relatos como forma de compartilhar não apenas experiências de vida mas, e principalmente, exemplos desse poder transformador da leitura.

Deixem-se literariar

Christina Ramalho
(DLEV e PROFLETRAS/ITA)

Sara Rogéria Santos Barbosa
(DLI E PROFLETRAS/ITA)

NO MEIO DO CAMINHO, ENCONTREI LIVROS



Cristiane Costa

Minha vida como leitora começou quando eu ainda iniciava o processo de descoberta das palavras. Eu já tinha nove anos e me considerava avançada em relação aos meus colegas de classe. Éramos muitos, de duas turmas distintas, mas dividíamos a mesma sala (a única funcionando de uma pequena escola, localizada nas proximidades de um lixão).

Todas as manhãs, dois de meus primos gritavam meu nome parados em frente à cancela improvisada do sítio onde eu morava. O chamado apressado deles anunciava a minha saída para a escola. Para chegar mais rápido e evitar o movimento de carros na BR, nós cortávamos caminho por uma estradinha estreita e cheia de mato. Lembro que, quando eu me cansava e andava mais devagar, eles começavam a contar histórias de terror, falavam de monstros que se escondiam no mato e que desapareciam com as crianças que andavam pelas estradas sozinhas e distraídas. Em seguida, eles apressavam o passo, corriam, e eu, apavorada, era obrigada a correr junto para não ser devorada por aqueles monstros. Essa foi a segunda escola em que estudei.

Antes disso, aos seis anos, fui matriculada em uma outra, ainda mais longe. Para chegar lá, andávamos muito

mais e eu não consegui finalizar o ano letivo. Eu era uma criança fraca, minha saúde estava comprometida com uma anemia severa contra a qual lutei até a adolescência. Até chegar lá, tomei inúmeras medicações e corri, mesmo sem forças, dos monstros que assolavam crianças nas estradas.

No começo, ir à escola era exaustivo e eu não tinha muita motivação, preferia ficar em casa, perdida no meu mundinho de bonecas e de panelinhas de barro feitas por minhas mãos pequenas e sem muita habilidade. Depois de um certo tempo, quando comecei a descobrir as primeiras palavras, passei a gostar da escola, achei legal, senti-me alguém importante e, quando elogiada pela professora, eu, que sempre estava aquém de todos nas brincadeiras de pega-pega, de pular corda, de cabra-cega, senti que era boa em alguma coisa, melhor que muitos dos meus colegas que zombavam de mim nas brincadeiras. Então, eu me achei importante e quis ser um pouco mais. Em casa, pegava meus cadernos, copiava novamente os deveres, repetia as lições.

Nessa fase da minha vida, lembro-me com carinho de uma amiga, de cujo rosto não me recordo, mas cujo nome não posso deixar de citar aqui, porque foi muito especial para mim. Ela se chamava Maria José e foi minha companheira nas brincadeiras de escolinha por algum tempo. Assim como eu, ela sofria com problemas no sangue, estava sempre pálida e fraca e, talvez por esse motivo, nos dávamos tão bem. Éramos duas meninas fracas e pálidas que se conformavam em brincar de escolinha e copiar, no caderno, as lições do único livro didático que ela tinha, inúmeras vezes,

para, em seguida, compararmos a caligrafia e ver quem tinha a letra mais bonita.

Lembro com tristeza que, durante alguns dias, nós não pudemos brincar. Minha mãe disse que “Marisé”, eu a chamava assim, estava no hospital, tomando remédios. Quando ela chegou, eu fui vê-la, mas minha amiga não queria brincar, estava tão desanimada que nem levantava. Naquela noite, ela faleceu de uma forma assustadora e, mesmo depois de tantos anos, entristeço ao falar sobre ela. Meu coração ficou desolado diante de seu caixão branco. Ao mesmo tempo, fiquei com medo de, assim como ela, partir daquela forma. Minha companheira de escolinha havia falecido. Quero citá-la em meu relato porque, além de estar viva em minhas memórias, nossas brincadeiras foram muito importantes no meu aprendizado da leitura. Ela era um pouco mais velha do que eu e, mesmo tendo parado de ir à escola por causa da doença, ela sabia um pouco mais e me ajudava com as palavras. As várias cópias que fizemos à época, de algum modo, colaboraram para o meu aprendizado.

Após sua morte, segui sozinha em minha jornada com a leitura. Ao grito dos primos, saía para aquela pequena escola, onde havia apenas uma sala de aula para duas turmas. Além dessa sala, dividíamos também a professora, Santa Dilza. Gosto de chamá-la de santa porque foi ela a primeira, em minha história, que se preocupou em apresentar àquela turma um livro de historinhas. A narrativa lida por ela me cativou e me fez querer mais.

Ao ver nosso interesse, Santa Dilza, em uma sexta-feira, abriu a segunda sala daquela escola. Lembro-me do

excesso de poeira e de teias de aranha que cobriam todo o ambiente. Naquele dia, com muita dificuldade, ela tirou e limpou com afinco uma estante velha e enferrujada que, em seguida, colocou em um dos cantos da sala de aula. Depois disso, acompanhada dos nossos olhos cheios de curiosidade, retirou e abriu uma caixa de papelão, era a caixa dos meus sonhos, porque dali foram retirados vários livrinhos de histórias, cheios de desenhos coloridos e de muitas aventuras que faziam meus olhos brilharem. Daquele dia em diante, toda semana, eu esperava ansiosamente pelas sextas-feiras –, quando, após o recreio, podíamos pegar os livros e folheá-los, lê-los e relê-los quantas vezes quiséssemos. Recordo com carinho daquele que eu mais li, *Menina bonita do laço de fita*. Até hoje, a pergunta feita pelo coelho à menina ecoa em minha mente e em meu coração: “Menina bonita do laço de fita, qual é o teu segredo pra ser tão pretinha?”.

Às vezes, enquanto folheava os livrinhos e os lia vagarosamente, lembrava-me de minha amiga e imaginava como seria se ela pudesse estar ali e no quanto ficaria feliz em ter aqueles livrinhos à disposição. Mesmo sem ela, eu vivia aquele momento tão esperado com deleite, folheava os livros, lia-os, relia-os e os guardava em meu coração, como se fosse um alimento que me daria forças para esperar durante toda a semana seguinte. E foi assim que Santa Dilza fez de mim uma criança ávida por livros.

Mais tarde, em outra escola, tornei-me visitante assídua de uma biblioteca repleta de exemplares de todos os tipos e tamanhos. Eu os amava, adorava lê-los e, por isso, me dividia entre aulas e intervalos para conhecer novas

histórias, já que não podíamos levá-los para casa. Foi graças ao gosto pela leitura que recebi o apelido “carinhoso” de “Piolho de biblioteca” na adolescência. Também foi graças a ele que eu, uma menina pobre, alfabetizada em uma escola pequena e sem estrutura adequada, fui aprovada no vestibular e fui estudar na Universidade Federal de Sergipe. Lembro que meu pai ficou tão orgulhoso que comprou uma caixa de cerveja para beber com os amigos, o que me deixou muito triste, porque não gostava de vê-lo bebendo.

Por outro lado, entendo que aquela era a sua forma de demonstrar o quanto estava satisfeito e orgulhoso da filha. Imagino que talvez tenha passado pela mente do meu amado pai as cenas de quando ele comprou e entregou em minhas mãos o meu primeiro caderno, a minha primeira caixa de lápis de cor. Não tenho como me conter ao lembrar desse momento, porque hoje eu não o tenho mais comigo, mas sei que ele partiu tendo a ciência de que sou resultado dos seus cuidados, dos seus ensinamentos, dos seus olhos atentos sobre mim. Ele não teve a chance de estudar muito, mas, junto com minha mãe, numa conversa à luz de um candeeiro e na noite anterior ao meu primeiro dia de aula, me ensinou o valor do conhecimento, a importância de se estudar e de se ter independência financeira. Naquela época, ele não me deu uma mochila, mas hoje eu percebo que ele me deu o melhor que pudera comprar. E foi com o melhor dele que eu comecei e trilhei por muito tempo até chegar ao meu melhor. Ter vivido tudo isso com ele em vida alenta o meu espírito, aquieta a minha alma, afinal sei que deixei o meu paizinho orgulhoso. Ele cumpriu sua missão.

Junto com a universidade chegou também a necessidade de trabalhar para conseguir me manter no curso. Meu pai tinha quatro filhas e, apesar de trabalhar bastante, não conseguia me ajudar com o pouco que recebia. Ele nunca falou sobre suas dificuldades em manter tudo sozinho, mas eu as percebia quando ele e minha mãe continuavam a usar as mesmas roupas de sempre, ficavam mais sérios devido à preocupação, ou quando minha mãe ia com ele trabalhar no lugar do ajudante de pedreiro para ajudar na renda da casa. Eu precisava trabalhar e essa demanda, associada às inúmeras pastas de textos teóricos do curso para ler, fez com que, aos poucos, eu deixasse a leitura prazerosa de lado. Eu continuei lendo, à noite, nas madrugadas, nos finais de semana, mas agora para conseguir atender às necessidades da graduação. Perdi o hábito de ler despreocupada e prazerosamente. Apesar disso, na faculdade, tive contato com livros e escritores que reacenderam em mim a paixão pela leitura. O primeiro deles foi *As Meninas*, de Lygia Fagundes Telles. Esse foi um dos poucos que me fez esquecer o turbilhão de coisas que eu tinha para fazer, prendeu-me e eu quis permanecer presa nele até o último instante. Hoje quero relê-lo. Outros que cito com carinho são *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, *O Quinze*, de Rachel de Queiróz, cujo enredo me fez chorar muito; *A marca de uma Lágrima*, de Pedro Bandeira, *Iracema*, de José de Alencar, *Édipo Rei*, de Sófocles.

Atualmente, tenho tentado formar outros leitores. Desejo ardentemente que meus alunos sintam essa mesma devoção para com os livros. Quero que eles os usem como

entretenimento, como terapia, como instrumento de fuga de uma sociedade cruel e, muitas vezes, sem empatia.

Por outro lado, também quero que eles os usem para conhecer o mundo ao seu redor, para terem ciência de seus direitos e para lutarem por eles quando for preciso. Confesso que, além de ser a minha maior preocupação, é também a minha maior dificuldade: despertar nos jovens o gosto pela leitura, ensiná-los a se debruçar sobre os livros e a encontrar neles conhecimento, alento, alegria, sentir as personagens, sorrir e chorar com elas. Isso ultimamente tem sido cada vez mais difícil, porque preciso competir com filmes, com as distrações das redes sociais, com os infinitos jogos à disposição dos adolescentes, além da dificuldade de contar, na escola, com um ambiente adequado para leitura, com um acervo diverso.

Por enquanto, sigo em sala de aula com rodas de leitura, realizadas com o pouco material disponível. Até o momento, tenho colhido boas risadas durante as aulas, os alunos pedem para ler, cobram-me se, na aula reservada para as rodas de leitura, apareço sem livros. Olham-me com tristeza e isso me alegra. Conversamos sobre a história e eles interagem bem. Acredito que, apesar das inúmeras dificuldades, colherei bons frutos.

Quanto à minha vida como leitora fora da escola, devo confessar que continuo distante do que fui um dia. Raramente sento sozinha com um livro na mão. Agora escrevendo sinto saudade de fazer isso. Por outro lado, voltei a ser leitora assídua de livros infantis com o meu filho João Miguel, pois lemos todas as noites. Esta semana, terminamos

um dos volumes de *As crônicas de Nárnia* e começamos *O jardim secreto*. Espero que um dia ele possa fazer isso por mim. Dizem que colhemos o que plantamos, e eu quero muito colher os frutos desse leitor, ouvi-lo ler para mim todas as noites.

Recentemente, alguém, mais apaixonada do que eu, indagou durante uma das aulas da disciplina “Leitura do texto literário”, que estou cursando como parte do Mestrado Profissional em Letras, se alguém dentre os presentes já havia estudado a fundo a vida e a obra de um escritor. Em seguida, sugeriu que o fizéssemos, que escolhêssemos um e o estudássemos desde o início. Nunca fiz isso, mas, agora que ouvi, desejei fazer, quero fazer. A princípio, pensei em Lygia Fagundes Telles, mas depois me lembrei de Alina Paim. Ela foi citada durante as aulas da minha graduação e eu gostei do texto que lemos na época e, por ser sergipana, parece mais próxima da minha realidade. Quem sabe nos tornemos boas amigas?

Por fim, manifesto o meu desejo sincero de me organizar, de me priorizar e de reservar tempo para cuidar da minha saúde mental. Em minha opinião, não há melhor forma de fazer isso do que com um livro na mão.

NAS ENTRELINHAS DA MINHA MEMÓRIA: O COMEÇO DA LEITURA



Fabiana Maria Barros Soares

Meu processo de alfabetização foi muito confuso e até hoje eu desconheço o motivo disso. Lembro que, perto da minha casa, havia uma escola de educação infantil. Foi lá que comecei a primeira tentativa de me alfabetizar. Apesar de toda a atenção da professora-pedagoga, não foi suficiente para me alfabetizar. Na escola, fui matriculada na turma de primeira série, atual segundo ano do Ensino Fundamental Menor. Durante uma aula, a professora escolheu algum aluno para fazer a leitura de um texto. Um dos escolhidos fui eu. Esse momento desencadeou em mim um trauma que somente iria entender no futuro.

Tudo começou quando eu fiquei em pé com o livro na minha frente e sentindo os olhares dos colegas e da professora. Lembro-me de ter olhado para o texto e não reconhecer as palavras que ali estavam. Mal conseguia soletrar palavras com duas sílabas. Foi vergonhoso. A professora levantou do birô e veio ao meu encontro, segurou o meu braço e me levou à secretaria e, na frente da coordenadora, segurando o livro, o bendito livro, pediu para que eu o lesse e não consegui. Lembro-me de sentir uma mistura de

culpa e vergonha. Era como se eu tivesse feito algo muito errado. Naquele momento, eu não era culpada de não saber ler, afinal de contas a criança não é responsável por tal situação.

A consequência foi, para mim, voltar para a turma da alfabetização, atual primeiro ano. Com a mudança de série, mudei também de turno. Passei a estudar à tarde. Todas as sextas-feiras havia uma atividade da turma da primeira série à tarde. Sentindo-me muito envergonhada, pedi à minha mãe para não ir à escola, porque não queria ser vista pelos meus colegas da primeira série. Esse período da minha infância foi particularmente angustiante, pois me sentia constrangida.

No ano seguinte, mudei de escola e até o final do Ensino Fundamental Menor não passei por outro constrangimento semelhante. A leitura continuava ruim, porém eu era uma boa aluna porque não dava trabalho, copiava tudo e era educada com os professores. Em casa, minha mãe tentava me ajudar com as tarefas da escola sempre que podia, pois trabalhava muito. Um fato importante que eu e minha mãe desconhecíamos, até eu completar uns oito anos, era que eu tinha uma perda auditiva significativa em um ouvido. Não sei, contudo, se esse fato contribuiu para a minha dificuldade no processo de alfabetização.

Do Ensino Fundamental Maior ao Ensino Médio, a insegurança em relação a ler em público aumentou. Essa insegurança tinha sua origem no episódio que ocorreu na primeira série. Evitava de todas as formas ser escolhida para fazer a leitura na frente dos colegas da sala. Acredito

ter desenvolvido uma ansiedade que me fazia esquecer das palavras ou substituí-las por seus sinônimos (não me pergunte como), quando tinha que ler em público. Não sei se há uma explicação científica para isso. Por exemplo, a palavra no texto era “casa”, eu falava “habitação”. Nesse período, a sensação que eu tinha era que eu necessitava decorar as palavras que precisasse ler na sala. Então, buscava memorizar o maior número delas, como se eu estivesse aprendendo um segundo idioma.

Consequentemente, meu hábito de leitura nessa fase era escasso. Contudo, uma lembrança marcante desse período é o início da leitura do livro *A escolha de Sofia*. Fiquei completamente cativada pela história, imersa em suas reviravoltas e personagens. Infelizmente, tive que devolver o livro antes de concluir a leitura, e até hoje desconheço o seu desfecho. Por diversas vezes, adiei a oportunidade de ler o livro até o final.

Lembro-me de um momento muito difícil para mim no último ano do Ensino Fundamental Maior: a professora de história, muito querida por nós, alunos, disse que a nota da última avaliação viria das apresentações de cada grupo. Preparei-me para esse dia preocupada se iria conseguir ler o projetor quando estivesse à frente de toda a turma. No dia marcado da avaliação, fiquei muito nervosa e não consegui fazer a apresentação. Foi nesse momento que eu percebi que não poderia trabalhar em profissões que exigissem que me comunicasse com muitas pessoas ao mesmo tempo.

Diante desse cenário, devido a um histórico tão complexo e repleto de entraves com a leitura, a ideia de me tor-

nar professora de português parecia totalmente fora de cogitação, quando terminei o Ensino Médio. No entanto, o desafio de ser uma mãe jovem, de vinte anos, impulsionou-me a buscar um curso universitário que oferecesse maiores chances de inserção rápida no mercado de trabalho. Por influência e incentivo de minha mãe, acabei optando pela licenciatura em Letras/Português.

Durante a graduação, logo no início, aconteceu uma situação que me fez perder o medo de ler e apresentar em público. Um certo dia, a professora nos passou uma tarefa simples: fazer a leitura de um pequeno parágrafo de uma notícia em voz alta na frente da turma. Fiquei muito nervosa e desisti de ler. A professora pediu que eu me acalmasse e me avisou, de modo gentil, que eu iria apresentar, nem que fosse para falar uma palavra do texto. Então, respirei fundo e, quando todos apresentaram, levantei e li algumas palavras. Foi o suficiente para ganhar confiança. De alguma forma, a atitude daquela professora, conseguiu superar, para minha surpresa e alívio, muitas das minhas inseguranças preexistentes. Desde então, aquelas dificuldades que me acompanhavam desde a infância simplesmente não existiam mais.

Depois disso, pensar em ser professora era uma realidade para mim. No curso, tive a oportunidade de me aproximar dos textos literários, o que se tornou uma experiência transformadora. Posso afirmar que a graduação em Letras/Português foi tranquila, prazerosa e, acima de tudo, extremamente enriquecedora.

Finalmente, apesar do meu processo de alfabetização e letramento ter sido mais longo e repleto de percalços do

que o comum, acredito que essa jornada me permitiu desenvolver um profundo sentimento de empatia. Essa empatia se manifesta diante das diversas dificuldades que o ensino da Língua Portuguesa pode apresentar para muitas pessoas. Essa vivência me capacitou a compreender e acolher as particularidades de cada estudante, tornando-me uma profissional mais sensível e preparada para os desafios da docência.

LENDO E APRENDENDO: MINHA JORNADA LITERÁRIA



Ghislain Santoni

Minhas experiências com a literatura, leitura e escrita começaram em casa. Meus pais, tios e avós sempre me incentivaram a ler, pois diziam que os livros traziam o conhecimento do mundo. Eu ouvia isso e lia todas as histórias que me davam. Quando era pequeno, lembro que gostava muito dos livros de cordel, das suas estrofes, rimas, das histórias de lampião, do pavão misterioso, das aventuras de João Gri-lo e tantas outras histórias. Até hoje, o cordel me faz viajar para lugares distantes sem sair de casa, estimula minha imaginação, apreciando a arte dos escritores nordestinos e as histórias do nosso povo.

Confesso que não me lembro bem de todos os livros que li quando era criança, mas me lembro de minha mãe lendo durante várias noites o Pequeno Príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry, um clássico da literatura mundial. Eu gostava muito do livro, porque narrava a história de um menino de 6 anos que era muito criativo. Eu ficava imaginando as viagens do menino pelo asteroide B612, as amizades dos personagens e suas críticas aos adultos. Às vezes era o meu pai quem lia comigo, lembro que ele preferia as histórias de

Conan, o bárbaro, pois ele era um leitor voraz desses livros do personagem, onde Conan era praticamente obrigado a enfrentar uma conspiração que cobiçavam o poder que ele conquistou após muito sacrifício e luta. Meu pai também gostava de ler livrinhos de literatura de cordel, ouvir e ler as músicas de Luiz Gonzaga.

Na infância, eu também gostava de ler as histórias em quadrinho e algumas revistas do Batman. Lembro muito bem que gostava muito de suas histórias, porque diferente de muitos super-heróis, ele não possui superpoderes. Ainda gosto de seus filmes e de ler coisas relacionadas a ele. Acho que a revista do Batman foi o livro que mais gostei na minha infância. Depois dele, comecei a buscar outras aventuras e me tornei um fã tanto dos livros quanto dos filmes do Batman. Lembro também que tinha uma coleção de livros de literatura infantojuvenil que falavam sobre aventuras de bruxas, os personagens do nosso folclore e da nossa cultura.

Meu contato com a leitura na infância também se deu através da leitura da Bíblia, pois sempre ia à missa aos domingos. Além de acompanhar a leitura das passagens bíblicas, às vezes, era selecionado para fazer uma leitura ou apresentações na igreja. Acho que a leitura religiosa não é apenas fortalecimento da fé, ela também estimula o raciocínio e melhora o vocabulário.

Na escola, durante o ensino no fundamental maior, não tenho lembrança de projetos de leitura na escola, atividade com livros de literatura. Na escola não havia biblioteca. Hoje, sei que isso pesou negativamente na minha aprendizagem, pois, no término da antiga 8ª série, tinha muita

dificuldade de escrever e me expressar na escrita. A minha educação, no ensino fundamental em escola pública estadual, não incentivou o hábito de leitura e, consequentemente, não contribuiu verdadeiramente para o desenvolvimento do vocabulário e do senso crítico. Acho que não desenvolveu a minha forma de me comunicar e de me expressar.

No Esino Médio, no final da década de 90, fui estudar num colégio agrícola federal. Lá, sim, tive contato com vários livros e de diversas áreas do conhecimento. Isso porque lá havia uma biblioteca enorme e rica em coleções de obras literárias. Naquele tempo, o vestibular da UFS cobrava em seu edital obras literárias de grandes autores brasileiros. Desta forma, os professores de Língua Portuguesa obrigavam os alunos a lerem essas obras e a criarem resumos durante as aulas de Literatura. A metodologia era leitura, resumo e conhecimentos sobre os principais movimentos literários no Brasil. O meu professor do 2º e 3º ano, Reginaldo, era apaixonado pelo escritor Machado de Assis. Por isso, ele sempre solicitava trabalhos de literatura, leitura e apresentação das obras do autor em sala de aula, tanto da sua fase romântica quanto da realista.

Já no curso de Letras Português-Francês-UFS, tive contato com vários gêneros literários, além do romance. Lá aprendi mais sobre contos, crônicas, tragédias, comédias, as epopeias com suas histórias de grandes feitos heroicos, aventuras e acontecimentos históricos. Li também vários livros de contos e romances da literatura francesa, portuguesa e brasileira. Na universidade também desenvolvi um pouco mais da escrita, pois tinha que escrever artigos e gê-

neros discursivos. Ah, uma disciplina que me ajudou bastante a entender um pouco mais sobre literatura foi Crítica Literária. Devo aos meus familiares e aos professores todo incentivo e motivação para ler, escrever e ser um indivíduo mais atuante no mundo em que vivo.

Hoje, eu sou pai de duas crianças, uma menina de dez anos de idade, Alina, que sempre me pede livro de presente; e um menino de um ano e seis meses, Álvaro, que é um leitor muito atento para a sua idade. Sempre que posso leio para os meus filhos para que eles tenham interesse e paixão pela leitura. Eu sempre dou um jeito de conseguir o livro que Alina deseja, pois acredito que os pais devem incentivar a leitura. A leitura é fundamental para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. É preciso estimular a imaginação, a criatividade e expandir o vocabulário. Por isso, já comprei muitos livros infantis como *As aventuras de Maíke*, *Diário de um banana*, *Harry Potter*, *O diário de uma princesa desastrada*, *A menina que inventava mundos* e muitos livros pequenos sobre o folclore brasileiro. Foi lendo esses livros para minha filha que aprendi mais sobre os personagens da nossa turma do folclore, como o Saci-pererê, o Curupira, a Iara, a Caipora, a Mula-sem-cabeça, o Boto cor de rosa, o Boi tatá, o Lobisomem, a Cuca, o Bumba meu boi e o Negrinho do Pastoreio.

Hoje, gosto de ler sites de jornais na internet para me manter bem informado sobre as principais notícias locais, do Brasil e do mundo. Esse tipo de leitura também ajuda a pessoa a ter uma opinião mais crítica sobre os diversos temas abordados nos principais jornais e sites do país. Esse

bom hábito que tenho de ler noticiários impressos ou virtuais possibilita mais informações úteis sobre o trabalho, os negócios e o lazer. O jornal também contribui na formação do conhecimento profissional, científico e literário. Na correria da vida moderna, a internet proporciona um certo hábito de leitura para as pessoas, principalmente, quando precisamos saber mais sobre qualquer tema, pois ela nos ajuda a sanar muitas dúvidas sobre quaisquer assuntos e facilita o acesso mais atrativo das pessoas a livros e artigos, que podem ser baixados em tablets ou celulares.

Essa foi, de forma abreviada, minha jornada literária até hoje!

ENTRE PÁGINAS, O LEITOR QUE FUI (E SOU!)



Guilherme Andrade Gois

Meu nome é Guilherme Andrade Gois, cursei Letras entre os anos de 2021 e 2024 e, em 2025, ingressei no Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Escolhi trilhar o caminho da linguagem e da literatura não apenas pela formação acadêmica, mas porque acredito que os livros foram, e continuam sendo, uma das principais ferramentas de construção do meu eu — pessoal, profissional e existencial. Olhar para trás e refletir sobre minha trajetória como leitor é, de certa forma, revisitar os diversos “eus” que fui e que fui deixando registrados em cada página lida.

Minha relação com a leitura começou muito cedo, ainda nos primeiros anos da infância. Lembro com carinho da 1ª série, quando levei para casa o livro *Os três porquinhos* e, pela primeira vez, li uma história sem ajuda. Essa experiência, embora simples, foi para mim um marco de autonomia. Descobri que podia acessar o mundo das histórias por conta própria, sem depender de alguém para me contar. Foi como abrir uma porta que nunca mais se fechou.

Com o passar dos anos, recebi da minha madrinha alguns livros infantis com adaptações de clássicos da literatura

universal. Esses volumes, ilustrados e em linguagem acessível, foram fundamentais para me encantar com o ato de ler. Histórias como a da *Galinha Ruiva*, do *Gato de Botas*, de *Alice no país das maravilhas* povoaram meu imaginário com fábulas, vilões e finais cheios de moralidade. Ainda que em versões resumidas, essas narrativas despertaram minha sensibilidade estética e minha vontade de sonhar com o que existia para além do mundo visível.

Na infância, os quadrinhos também exerceram um papel formativo importante. Eu adorava os gibis do *Sítio do Picapau Amarelo*, baseados nas obras de Monteiro Lobato. Emília, Narizinho, Tia Nastácia e o Saci-pererê eram personagens que me acompanhavam com frequência. Essas histórias não apenas me entretinham, mas me aproximavam de elementos da cultura brasileira e, ao mesmo tempo, me introduziam ao gênero fantástico, com suas viagens no tempo, visitas a reinos encantados e diálogos com personagens da mitologia. Monteiro Lobato, com suas adaptações e sua linguagem envolvente, deixou uma marca profunda na minha imaginação infantil.

Contudo, minha realidade nem sempre favoreceu esse contato com os livros. A ausência de bibliotecas estruturadas nas escolas onde estudei foi uma dificuldade constante. Lembro que muitas vezes não tínhamos sequer um acervo modesto que estimulasse o gosto pela leitura. A biblioteca pública da cidade, embora existente, era composta majoritariamente por livros didáticos e materiais técnicos, o que limitava bastante as possibilidades de leitura literária. Não havia, também, uma cultura familiar que incentivasse o

hábito da leitura em casa. Embora meus familiares valorizassem a educação de forma geral, os livros não estavam presentes no cotidiano doméstico como objetos de prazer, e sim apenas como instrumentos escolares.

Foi graças à escola — e, mais especificamente, a algumas professoras — que mantive viva minha relação com os livros. A professora Marlene Brito, do Ensino Fundamental, foi uma das primeiras a me incentivar verdadeiramente. Com ela, tive contato com atividades de leitura que iam além da obrigação e começavam a assumir contornos de prazer. Ela promovia leituras compartilhadas e, sempre que possível, trazia para sala de aula alguma história diferente. Essa atenção foi fundamental para que eu não perdesse o vínculo com a palavra escrita.

Mais tarde, já no Ensino Médio, tive a sorte de ser aluno da professora Michelle Lima, uma apaixonada por literatura brasileira. Foi com ela que conheci autores como Machado de Assis, Clarice Lispector, José de Alencar e Fernando Pessoa. Suas aulas eram verdadeiros mergulhos nos textos, e ela tinha uma maneira muito viva de apresentar as obras, trazendo à tona as emoções, os conflitos e as perguntas presentes na literatura. Michelle foi uma ponte entre o leitor curioso que eu já era e o leitor mais crítico e sensível que começava a me tornar.

Entre as leituras marcantes da adolescência, destaco especialmente *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry. Foi o primeiro livro que li na íntegra, sem adaptações. A história do pequeno viajante que atravessa planetas em busca de sentido e de afeto me tocou

profundamente. Ainda hoje, considero essa obra uma das mais importantes da minha vida. A delicadeza do texto, suas metáforas existenciais e sua forma poética continuam me encantando. Atualmente, inclusive, estou lendo *Terra dos homens*, outra obra do autor francês, e redescobrimo, com olhos adultos, o poder da simplicidade e da contemplação presentes em seus escritos.

Conforme fui amadurecendo, meus interesses literários também foram se transformando. Descobri o fascínio pelos gêneros do terror, da fantasia e da mitologia. Obras que mesclam o real e o extraordinário sempre me atraíram. O mistério, o suspense, o desconhecido — tudo isso me instiga como leitor. Foi nesse contexto que cheguei aos textos de Edgar Allan Poe, Mary Shelley, H. P. Lovecraft e outros autores do terror/fantástico. Essas leituras provocam não apenas o medo, mas a reflexão sobre as sombras da condição humana, sobre os limites entre o real e o imaginado, entre a razão e o delírio.

Além da ficção, tenho grande apreço pela poesia. Embora nem sempre tenha lido com regularidade, reconheço na linguagem poética uma força expressiva singular. Versos bem compostos têm o poder de me emocionar de uma forma linda, quase como se tocassem diretamente o coração. Também valorizo os contos, pela concisão e intensidade narrativa, e as epopeias, pela grandiosidade mítica. A leitura de *A Divina Comédia*, que realizei recentemente, foi uma experiência transformadora. Dividi a leitura em etapas e me dediquei a observar cada uma das ilustrações de Gustave Doré, que enriqueceram ainda mais meu mergulho na obra.

O Inferno, o Purgatório e o Paraíso se apresentaram como metáforas existenciais e espirituais de uma profundidade ímpar.

No ano de 2024, ao atuar como professor de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, organizei um projeto pessoal em que selecionava trechos de obras clássicas para apresentar aos meus alunos. A proposta era simples, mas potente: permitir que os estudantes tivessem contato com grandes textos, mesmo que em fragmentos, e despertassem o desejo de conhecer as obras completas ou autores semelhantes. Surpreendentemente, fui eu quem mais se emocionou durante o processo. Reencontrei antigos textos com novos olhos e me comovi com a possibilidade de partilhar com os alunos aquilo que me constitui.

Em 2025, tracei como meta pessoal a leitura de ao menos um clássico literário por mês. Para me comprometer ainda mais com esse plano, assinei o Clube de Literatura Clássica, que envia mensalmente uma edição de luxo de alguma obra fundamental da tradição ocidental. Essa iniciativa tem sido motivadora: os livros chegam como pequenos presentes, cuidadosamente editados, e me incentivam a manter o ritmo de leitura mesmo em meio à rotina atribulada. Já li obras como *A Divina Comédia*, mencionei anteriormente, e pretendo ler, ainda este ano, *O Conde de Monte Cristo* e *Dom Quixote*.

Hoje, posso dizer que a leitura é parte essencial da minha identidade. Ela me formou, me moldou, me fortaleceu. É por meio dela que me expresso, que compreendo o mundo, que me conecto com os outros. Como professor, vejo na

leitura um instrumento de transformação. Desejo que meus alunos descubram o poder dos livros não apenas como exigência curricular, mas como prática de liberdade, como possibilidade de imaginar outras realidades e de construir sentidos próprios.

Meu sonho é continuar sendo leitor. Quero visitar feiras literárias, conhecer novas livrarias, participar de grupos de discussão, dialogar com outros leitores pelo mundo todo e seguir estudando as relações entre mito, literatura fantástica e identidade. No futuro, desejo ainda ingressar no doutorado, aprofundar minha pesquisa, publicar artigos e, quem sabe, escrever minhas próprias narrativas. Mais do que acumular títulos, quero contribuir para que mais pessoas se encantem com a leitura, como eu me encantei — mesmo quando parecia que o mundo ao meu redor não favorecia isso.

A leitura foi meu refúgio, meu espelho, meu caminho. E ainda é. Que nunca me falem livros, e que eu nunca perca o desejo de mergulhar neles.

MINHA EXPERIÊNCIA COM A LITERATURA



Janaine Santana de Souza

Confesso que minha paixão é e sempre foi a gramática da Língua Portuguesa, tanto é que meu Trabalho de Conclusão de Curso foi justamente sobre o ensino dela nas escolas, suas dificuldades e o porquê de ainda existir certa “aversão” a ela. Mas, em contrapartida, também sou apaixonada pela magia que a Literatura é capaz de provocar no leitor, que está aberto a ser conduzido por sua nuance de subjetividade, misturada com uma realidade autêntica e poderosa, capaz de transformar o bonito em belo.

Sinto-me atraída pela poesia, pelos poemas, os romances e afins. A linguagem literária também me atrai, sua forma de expressão, capaz de explorar a subjetividade e a imaginação, encanta-me. Ela pode transmitir ideias e emoções que nos fazem refletir e compreender a realidade de maneira mais “harmônica”. Não sou muito adepta à literatura mais antiga, como a medieval, a renascentista, a barroca, entre outras vertentes.

Os sonetos, os poemas, alguns contos e romances me encantam. Autores como Clarice Lispector, Machado de Assis, Cora Coralina, Carlos Drummond de Andrade ganham o meu coração com suas obras. O *Soneto de Fidelidade*, de

Vinícius de Moraes me emociona cada vez que o leio. Cada palavra, cada frase, cada verso transmite em mim um sentimento surreal.

Diante de tudo isso, vale ressaltar a importância que a Literatura tem na vida de uma sociedade como um todo, ela transmite conhecimento e cultura. A arte está presente na literatura! A literatura transformou-se em disciplina escolar dada a sua importância para a língua e a cultura de um país, assim como para a formação de jovens leitores. É aí que está a questão: eu não tenho lembrança ativa de ter estudado literatura no meu Ensino Fundamental, o que tínhamos era a disciplina chamada Sociedade e Cultura, que abrangia vários aspectos de diversas culturas, tradições e povos, nada mais.

Talvez se eu tivesse conhecido a literatura muito antes do Ensino Médio, por exemplo, na educação de base, eu teria mais “interesse”, mais afetividade e, possivelmente, eu até soubesse falar com mais propriedade sobre ela. Fato é que, infelizmente, a literatura está cada vez mais em desuso nas escolas, nas famílias. Sim, porque a criança tem prazer pela leitura quando é incentivada e vê nos pais o exemplo de leitores, dos diversos gêneros. O leitor literário aplica-se, também, dessa forma. Quando criança, não tive essa oportunidade, esse privilégio. Meus pais não eram leitores assíduos (minha mãe, fundamental completo; meu pai, nem o fundamental), e isso corroborou para que eu não tivesse tanto conhecimento ou não tivesse sido apresentada a textos literários e afins. Gostaria muito de ter tido contato com a literatura mais cedo, de ter tido acesso a obras e autores.

Na minha (pequena) trajetória como docente, tive a oportunidade de lecionar a disciplina Literatura num colégio da rede privada, na turma de 9º ano do Ensino Fundamental, porém, era apenas uma única aula por semana, o que significa que não havia tempo suficiente para que eu pudesse apresentar aos alunos muita coisa sobre ela. Isso me intrigava, de certa forma, mas infelizmente não era algo que estivesse ao meu alcance de mudança. Todavia, procurei um meio para que fosse possível reverter a situação com um projeto literário, o qual intitulei como *Literarte*, uma junção de literatura e arte, que, a meu ver, não devem se dissociar.

O projeto teve início no ano de 2021 e contou com apresentações de obras como *O Auto da Compadecida*, *Dom Casmurro* e entre outras. Foi realizado com todas as etapas de ensino, desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental II e mobilizou toda a comunidade escolar. O projeto foi ganhando força a cada ano, o que me deixava cada vez mais feliz e cheia de vontade de realizar cada edição. O propósito era fazer com que tivéssemos mais tempo para aulas de Literatura, pois era necessário fazer a leitura de toda a obra que seria apresentada, o que motivava e incentivava os alunos a desenvolverem mais gosto e prazer pela leitura, um dos objetivos do projeto.

A leitura era realizada em sala de aula, de maneira coletiva e mediada por mim. Havia discussões acerca de cada personagem, do tempo, do espaço e de todo o enredo de cada obra escolhida. Era gratificante ver no semblante dos alunos o desejo para continuação da leitura a cada término da aula, o que provocava a curiosidade. Dessa forma, eu conse-

guia trazer para eles uma literatura até então desconhecida, de uma forma que eles conseguissem se imaginar em cada cena e em cada personagem. Questionamentos iam surgindo ao decorrer da leitura e até possíveis releituras das obras.

O ano que me marcou quanto ao projeto foi 2024 (ano passado), quando lecionei apenas nas turmas de 8º e 9º anos. O 8º ano apresentou a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, e o 9º ano apresentou *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare. Ambas tiveram encenações maravilhosas, que emocionaram a todos os presentes. Momentos marcantes das obras, como o velório de Brás Cubas e a morte de Romeu e Julieta eternizaram a edição do projeto e fecharam com chave de ouro as apresentações. Para mim, foi mais que emocionante, foi gratificante ver meu trabalho sendo desenvolvido com maestria e amor, ver meus alunos sendo atores e vivenciado cada cena, cada momento, incorporando cada personagem.

De todos os encontros que tive com a literatura, de todas as experiências que pude vivenciar, esta foi a que mais marcou a minha trajetória como docente até o momento. Desde então, passei a enxergá-la com outros olhos, como dizem, “com os olhos da alma”, porque é isso que a literatura nos proporciona, enxergar além do que os olhos podem ver. Outro fato marcante acerca da literatura em minha vida, foi/é a vivência no Mestrado, principalmente nas disciplinas de Leitura do Texto Literário e Literatura e Ensino. Elas me possibilitaram abrir os horizontes quanto ao ensino de Literatura e o que ela pode me proporcionar enquanto docente e também enquanto ser.

Como citei no início deste relato, a literatura nunca foi minha paixão, eu tinha por ela apenas uma pequena afeição, digamos assim. Hoje, minha visão sobre ela é totalmente diferente, posso dizer com plena convicção que temos um “caso de amor” (risos). Agora, consigo enxergar a literatura em tudo que é belo, em tudo que transmite luz, energia boa, na arte, na poesia, nos poemas, nos romances, que até então eu lia só por ler, sem me atentar para a beleza que eles trazem e transmitem, independentemente do tema que abordem. Posso afirmar que, hoje, minha relação com a literatura é estreita e que, de certa forma, ela transformou e direcionou o meu olhar para outros horizontes.

A PRÓPRIA MENINA QUE CAVAVA COM A CANETA



Jéssica Maria Pinto

Minha relação com a literatura começou antes mesmo que eu compreendesse o que era a arte feita de palavras. Ela nasceu ainda na minha infância, no pequeno povoado onde cresci, Saco de Areia, na cidade de Aquidabã, Sergipe. Meu primeiro contato foi por meio das lições da escola que iam para casa. Eram textos curtos, semelhantes a fábulas, retirados do próprio livro didático de Língua Portuguesa. Tenho recordações de que aprender a ler foi uma das minhas grandes conquistas, e isso ocorreu graças a esse contato com textos literários. Lembro-me da ansiedade com que eu chegava da escola, correndo para treinar a leitura com minha mãe. Havia muitos motivos para isso, mas o mais especial era a vontade de guardar cada detalhe daquelas historinhas. Naquele tempo, e durante todo o meu Ensino Fundamental, estudei em uma escola pública que não possuía livros literários disponíveis para que os alunos levassem para casa. A leitura, portanto, acontecia de forma muito limitada, restrita às páginas do livro didático.

Rememoro que, antes mesmo de saber ler de verdade, eu já me encantava com os textos levados para casa como deveres. Aos sete anos, sempre que a professora apresenta-

va a lição do dia, eu ficava encantada com cada ilustração e cada palavra das histórias lidas em sala. Por isso, durante a leitura da docente, eu me concentrava em memorizar tudo. Ao chegar em casa, antes mesmo do almoço, minha mãe precisava “tomar minha lição”. Na verdade, eu é que precisava dela para fixar cada palavra daquele texto. Havia diversas razões para essa insistência, entre elas, o desejo de provar que eu já sabia ler, mesmo sem ainda dominar a leitura, e a vontade de conhecer melhor cada história que me era apresentada.

Sou filha de agricultores. Meu pai estudou até o terceiro ano do Ensino Fundamental, e minha mãe, até o quarto. Embora sempre tenham valorizado o trabalho e me incentivado a estudar, por limitações de conhecimento, eles nunca compreenderam a importância da leitura na formação de uma criança. Na nossa casa, não tínhamos livros literários, não por falta de interesse da minha parte, mas por falta de condições financeiras. Ter livros era um artigo de luxo desnecessário, considerando a realidade em que vivíamos. Ainda assim, algo em mim sempre falou mais alto: o desejo de estudar, de me tornar professora, de ter uma vida diferente e de, um dia, ter muitos livros para mim e para os meus.

Ainda sobre a minha inserção na leitura, com clareza, recordo um episódio que me marcou profundamente. Certa vez, minha mãe, sobrecarregada com os afazeres domésticos e com o meu cuidado e o dos meus três irmãos, irritada com a minha insistência para que me ajudasse logo com a lição de casa, acabou, num impulso de cansaço, jogando meu livro no chão, rasgando-o. Eu, que sempre fui muito

cuidadosa e exigente com meu material, fiquei desolada com aquele livro danificado. De alguma forma, aquela situação mexeu comigo, sobretudo, emocionalmente. Foi ali, entre soluços, que aprendi a ler e não precisar mais de ajuda com as tarefas escolares.

Toda a minha trajetória escolar se deu em escolas públicas e ao adentrar o Ensino Médio, o acesso limitado a livros permaneceu. Durante o Ensino Fundamental, na zona rural, frequentei uma instituição vinculada à rede municipal; já o Médio, na zona urbana, pertencia à rede estadual. Em ambas as instituições, o contato com a literatura se restringia às aulas de Língua Portuguesa e, mais tarde, a um trabalho superficial desenvolvido na disciplina de Literatura durante o Ensino Médio. Olhando para trás, percebo que, em toda a minha formação básica não houve nenhum momento marcante em que eu tenha me sentido verdadeiramente leitora, principalmente pela ausência de influências externas.

Quando concluí o Ensino Médio e decidi que ingressaria no Ensino Superior, contei com o apoio financeiro do irmão mais velho do meu pai para frequentar um cursinho pré-vestibular, meu querido Tio Izildo. Foi nesse ambiente que tive, pela primeira vez, um contato maior com obras literárias, enquanto me preparava para concorrer a uma vaga na Universidade Federal de Sergipe. Na época, os caminhos possíveis para a universidade pública eram: vestibular seriado, simultâneo ao Ensino Médio; e vestibular geral, para quem já havia concluído e não tinha prestado vestibular antes. Como não me sentia pronta para o vesti-

bular enquanto estava no Ensino Médio, fiz o geral e, por esse motivo, precisei correr contra o tempo perdido e conciliar o estudo com a leitura de várias obras literárias.

Sobre as obras, lembro-me, com mais nitidez, de algumas delas, sendo que as que mais me marcaram foram: *Assassinato na Floresta*, de Paulo Rangel, *Olhinhos de Gato*, de Cecília Meireles e *Capitães da Areia*, de Jorge Amado. Admito que não consegui ler todos os livros exigidos, principalmente por não ter condições financeiras para comprá-los, e hesitava pedir mais ajuda ao meu tio, que já custeava a mensalidade do cursinho. Tive acesso às que li graças a uma colega generosa, que fazia cópias e me emprestava após concluir a leitura. Inclusive, agora que relembrei dessas obras, vou até buscá-las, e, assim que possível, relê-las. Eu amo revisitar minhas memórias literárias.

Já que cheguei às minhas leituras de pré-vestibular, acho importante mencionar que inicialmente meu objetivo era cursar Licenciatura em Matemática, mas, encantada pelas linguagens, decidi seguir pelo caminho da Língua Espanhola. No fim, após orientação do professor de Português, que também administrava o cursinho, optei por me inscrever para o curso de Licenciatura em Letras Português e Espanhol, a fim de ampliar minhas oportunidades no mercado de trabalho. Hoje sou professora de Língua Portuguesa na Rede Estadual da Bahia, com o coração muito grato a quem sentou comigo, estendeu-me a mão e me orientou.

Lá em casa, de quatro irmãos, apenas dois tiveram acesso ao ensino superior, e eu fui a primeira a trilhar esse caminho. Depois de mim, veio meu irmão mais velho. Ago-

ra, sou professora e me tornei aquela que sempre presenteia todos com livros. Tenho uma sobrinha de cinco anos, Lorena, que não me deixa mentir. Na casa onde ela vive, a mesma onde cresci, a realidade ainda é marcada pela falta de incentivo à leitura. Na escola onde estuda, a mesma onde estudei há quase três décadas, a ausência de recursos para incentivar a leitura continua sendo um desafio, embora algumas melhorias já sejam perceptíveis. Amo ver Lorena se espelhar em mim. Ela já me disse que, quando crescer, quer morar comigo para estudar, e acredito que esse desejo seja fruto dos momentos que compartilhamos entre livros: eu, decifrando as palavras; ela, encantada com as ilustrações, já que ainda não sabe ler. Na sala de aula, a entrega que faço a meus alunos é a mesma que faço a minha sobrinha. Estou sempre cultivando a esperança por meio da educação e levando leituras que, certamente, mesmo que não percebam hoje, serão libertadoras para o futuro deles.

Assim, refletindo sobre minha trajetória ao lado dos livros, penso que foi apenas na vida adulta que a versão leitora em mim ganhou força de verdade, quando pude escolher, comprar e ler meus livros, criando uma relação mais autônoma e profunda com a literatura. Hoje, amo livros, especialmente comprá-los, para mim e para os outros, e levo esse amor para a sala de aula. Motivar meus alunos a lerem é uma das formas que encontrei de promover mudanças em suas vidas, assim como o acesso à educação e à leitura mudou a minha. No entanto, apesar da paixão pelos livros, confesso que tem sido difícil chegar à última página de muitos deles. Mesmo assim, persisto, porque acredito que cada

livro, mesmo não finalizado, deixa algo em nós, seja uma ideia, seja uma sensação, seja um desejo. E é isso que me move a seguir incentivando a leitura, como professora, tia e eterna aprendiz das palavras.

Eu continuo lendo, aprendendo e criando memórias com minhas leituras, por isso gostaria de registrar um dos meus livros favoritos: *A menina que cavava com a caneta*, escrito por minha colega de trabalho Sarah Correia, e que inspira o título de meu relato. O livro foi lançado pela primeira vez em 2015, mas eu só o li em 2024, após me mudar para Monte Santo, Bahia. Escolho essa obra como uma das mais especiais porque, ainda que a história não seja exatamente a minha, sinto que ela me pertence. Embora meu nome seja Jéssica, também posso ser Alice, a personagem que cavou com a caneta o seu próprio destino. Foi como se, a cada página lida, a cada detalhe da trajetória da personagem, eu reencontrasse partes da minha própria jornada, como se a caneta com a qual ela cavava também tivesse sido, de alguma forma, a minha. Hoje, sigo cavando com a caneta, não apenas para abrir caminhos para mim, mas também para orientar meus alunos e minha sobrinha a cavarem seus destinos, por meio de cada palavra, cada parágrafo, cada livro lido.

ENTRE LINHAS E CAMINHOS, UM ENCONTRO COM A PRÓPRIA HISTÓRIA



Joabe Garcia

Relatar sobre minha vida de leitor é buscar um passado distante de um garoto que viu na educação uma forma de deixar a “roça” e trilhar outro caminho. E a leitura foi a grande responsável para sua mudança de vida, ela transformou o garoto da “roça” em um adolescente leitor, um adulto leitor.

Sou filho de agricultores e todo patriarca que tira seu sustento da agricultura deseja ter muitos filhos para o ajudar no plantio e na colheita. Com meu pai não foi diferente! Teve sete filhos, cinco homens e duas mulheres e ainda adotou mais um. Eu, sendo o terceiro dos homens, estava fadado ao trabalho no campo junto com meus irmãos e ao comércio de carnes aos sábados na feira livre na minha cidadezinha do interior do sertão da Bahia.

Minha mãe, dona de casa, prendada cozinheira e doceira famosa, sempre o apoiava em tudo, porém exigia que os filhos fossem à escola, mesmo em tempos de grandes trabalhos no campo. Foi assim, entre enxadas e cadernos, que aprendi a valorizar tanto o trabalho duro quanto o saber.

Lembro-me bem das caminhadas até a escola, muitas vezes com os pés ainda marcados pelo chão quente da roça,

carregando no rosto o cansaço do dia anterior e no coração o desejo de aprender algo novo. O estudo, para nós, era mais que um direito – era um luxo conquistado com esforço e insistência de minha mãe.

Com o tempo, fui percebendo que a educação poderia abrir caminhos além das cercas do sítio e das barracas da feira. Cada palavra lida, cada conta resolvida, era como uma janela que se abria para um mundo maior. E foi esse mundo que comecei a sonhar para mim – não para fugir das minhas raízes, mas para honrá-las com conhecimento, superação e propósito.

Quando era um aluno da 3ª série do Ensino do Fundamental, me destacava pelas notas altas e participações em eventos da escola, declamando poemas em homenagens e em momentos cívicos. E os elogios começavam a chegar a minha casa, e meu pai ficava todo orgulhoso quando na feira encontrava com as professoras e elas o parabenizavam pelo meu desempenho. Diante deste fato, ele passou a me dispensar das atividades da roça para eu estudar mais. Eu, espertamente, aproveitava para fugir do destino traçado dos trabalhos rurais.

Foi ali, ainda menino, que percebi que a palavra tinha força. Quando declamava um poema diante da comunidade ou lia em voz alta uma redação na sala de aula, sentia que podia tocar as pessoas – fazê-las rir, emocionar-se, refletir. Aquilo me encantava. A escola deixou de ser apenas um lugar de dever e passou a ser meu refúgio, meu palco, meu mundo. E quanto mais me afastava da enxada, mais me aproximava do lápis.

Os livros, mesmo poucos e gastos, tornaram-se companheiros. E cada elogio, cada pequeno reconhecimento, era um combustível para sonhar mais alto. Sonhava em ser doutor, talvez escritor, quem sabe até alguém que ajudasse outros meninos e meninas da roça a enxergar caminhos além da poeira vermelha do sertão.

Na 6ª série do Ensino Fundamental, minha professora de Português adotou livros paradidáticos. Como eles eram caros e eu não tinha dinheiro para comprá-los, quando chegava o dia da entrega dos livros dos alunos que pediram e pagaram, eu não recebia o meu, mas não ficava triste! Tinha que dar um jeito de ler o de alguém emprestado e assim procedi. Falei com um colega e li rapidamente meu primeiro livro que foi *Viagem ao centro da terra*, de Júlio Verne. E daí passei a ler tudo que aparecia de revistas e gibis e depois jornais antigos e livros da biblioteca da escola.

A leitura se tornou um vício bom, um refúgio silencioso que me permitia viajar sem sair do lugar. Quando acabavam as tarefas da escola, eu corria para as páginas dos livros, curioso, querendo saber mais, entender mais, descobrir o que havia além das cercas da minha cidade. Foi assim que comecei a formar meu próprio jeito de pensar, minhas ideias, meus sonhos. Os livros me davam coragem, me faziam acreditar que, mesmo vindo de uma realidade simples, eu podia ir longe. E quanto mais lia, mais crescia em mim a certeza de que o estudo era o meu caminho.

Quando estudava 1º ano básico do 2º grau, namorei uma garota que estava lendo *Brida*, de Paulo Coelho. Assim, naquele período, não só namorava como também lia o livro

junto com ela. Acabei me apaixonando por Paulo Coelho, que se tornou meu escritor favorito. Depois de *Brida*, li *Nas margens do rio Piedra sentei e chorei*; *Maktub*; *O alquimista* e o último foi *Verônica decide morrer*.

Cada obra me tocava de um jeito diferente, com mensagens profundas, às vezes místicas, outras tão reais quanto o chão da feira onde cresci. A escrita de Paulo Coelho me ensinou sobre busca interior, escolhas, fé, destino e coragem. Suas palavras pareciam conversar comigo, como se soubessem da minha trajetória, das lutas silenciosas que eu travava entre a enxada e os cadernos. Era como se, ali, naquele universo simbólico e cheio de metáforas, eu também estivesse me encontrando, reconstruindo-me, compreendendo um pouco mais de quem eu era e do que poderia ser.

Depois que me tornei adulto cedo, aos 18 anos, fui morar sozinho em Aracaju, passei a ter muitas responsabilidades e a me cuidar para ter um bom futuro. Perdi a paixão por Paulo Coelho e fui atrás de livros mais profissionais, por causa do trabalho. Encontrei Reinaldo Polito com seu livro *Como falar em público* e depois James Hunter, com *O monge e o executivo*. Os dois foram meus preceptores para o mundo profissional.

Essas leituras me mostraram um novo universo: o da comunicação, da liderança, da disciplina e da postura diante da vida adulta. Comecei a entender que saber se expressar era tão importante quanto saber ouvir; que liderar era servir; que o conhecimento que transforma também exige prática e exemplo. Cada página lida se tornava uma ferramenta para lidar com os desafios do dia a dia, com o am-

biente de trabalho, com os relacionamentos profissionais e pessoais.

Foi uma fase de muito aprendizado e crescimento. Viver só, longe da família, me fez amadurecer rápido, aprender a administrar o pouco que tinha e valorizar cada conquista. Aos poucos, fui construindo meu próprio caminho, com esforço, foco e fé.

Nessa época fui trabalhar em uma empresa de telecomunicação e, devido ao meu desempenho, me tornei gerente. Isso me proporcionou uma viagem de avião e uma hospedagem em um hotel cinco estrelas em Salvador Bahia e tudo isso graças às minhas leituras e ao estudo.

Para quem veio da roça, que viajava em carro de feira e dormia em uma casa simples, em um quarto com tantos irmãos, aquilo foi um verdadeiro sonho. Lembro do meu primeiro voo, tanto do nervosismo ao embarcar, mas também do orgulho de saber que tudo aquilo era resultado da minha trajetória. Não era sorte. Era esforço, era preparo. Eu merecia. Foi quando entendi, com ainda mais clareza, que o conhecimento muda destinos, rompe barreiras e nos coloca em lugares que, um dia, só existiam no imaginário.

Tudo aquilo que li – de *Viagem ao Centro da Terra* a *O Monge e o Executivo* – me deu não só base técnica e intelectual, mas também coragem, visão e postura para enfrentar os desafios do mundo profissional.

Na Faculdade São Luís, no curso de Pedagogia, saboreei Edgar Morin em *Os sete saberes necessários a educação do futuro* e na Faculdade 7 de setembro (FASETE), no curso de Letras, tive uma enxurrada de textos literários apaixonan-

tes como os de Clarice Lispector, João Cabral, Alencar e Machado de Assis, por meio dos quais pude viver a literatura intensamente com uma professora maravilhosa que já não está mais conosco, professora Maria Odemária Araújo.

Ela não apenas ensinava, ela incendiava corações com sua paixão pela literatura. Era daquelas que nos fazia enxergar beleza até nos textos mais difíceis, que nos incentivava a pensar, a sentir, a escrever com alma. Sua presença marcante e seu legado permanecem vivos em mim, como uma das grandes inspirações da minha caminhada.

Foi nesse período da faculdade que comecei a entender ainda mais o poder da palavra e da educação para transformar realidades. Cada aula, cada debate, cada livro lido eram pontes entre o que eu havia vivido e o que eu sonhava alcançar. E, aos poucos, fui descobrindo minha vocação para ensinar, para levar conhecimento não só às salas de aula, mas também aos corações e às mentes daqueles que, assim como eu, precisavam de uma oportunidade para crescer.

Nesse período, já havia me firmado como professor, já dava aula e já tinha constituído minha família: minha esposa Joelma, meu filho mais velho, João Victor, e minha caçulinha, Júlia. Nos tornamos a Família J, unida pelo amor, pela fé e pela luta diária para construir um futuro melhor.

Ser professor e pai ao mesmo tempo trouxe um novo significado para minha vida. Cada desafio na sala de aula, cada conquista dos meus alunos, refletiam-se também na minha casa, onde buscávamos ser exemplo e apoio uns para os outros. Joelma sempre foi uma parceira firme, enfrentando comigo as dificuldades e celebrando as vitórias. João

Victor e Júlia são a minha maior inspiração, a razão para continuar sonhando e batalhando.

Agora, uma pausa para a literatura infantil. Vivenciei, nesse período, o mundo maravilhoso de Monteiro Lobato, com o *Sítio do Pica pau Amarelo*, e de Maurício de Sousa, com a *Turma da Mônica*. Foram momentos lindos de contação de histórias e leituras até caírem no sono. Foram noites em que as palavras davam vida aos personagens e levavam meus filhos a passeios por mundos mágicos antes de dormir.

Esses momentos simples, porém inesquecíveis, reafirmaram para mim o poder da leitura como laço, como afeto, como ponte entre gerações. Mais do que formar leitores, eu estava formando memórias, valores, vínculos e, sem perceber, perpetuava o amor pelos livros naqueles pequenos corações que cresciam sob o mesmo teto que o meu.

Foi ali que percebi: a leitura não transforma só o leitor. Ela transforma quem lê junto, quem escuta, quem compartilha. E esses instantes de aconchego e fantasia com meus filhos são, até hoje, algumas das páginas mais doces do meu livro da vida.

E hoje, vê-los adultos – uma advogada e um médico veterinário – conscientes do seu papel na sociedade e cidadãos do bem, leitores, não só me enche de orgulho, mas também me dá a certeza de que tudo valeu a pena. Cada noite de leitura, cada conversa à mesa, cada conselho compartilhado, cada livro presenteado... Tudo foi semente lançada em solo fértil.

Ver meus filhos trilhando seus próprios caminhos com responsabilidade, sensibilidade e paixão por aquilo que fazem é, sem dúvida, uma das maiores realizações da minha

vida. Eles são reflexo do que acreditamos em casa: que o conhecimento liberta, que o caráter se constrói no dia a dia e que o amor pela leitura é herança que jamais se perde.

Hoje, sigo minha caminhada com serenidade, sabendo que cumpro (e continuo cumprindo) minha missão com dignidade, afeto e dedicação. Leitor, professor, pai, marido, cidadão – sigo sendo tudo isso com gratidão no peito e um livro sempre por perto.

Porque, no fim das contas, minha história sempre foi feita de páginas viradas, capítulos superados e novas histórias por escrever.

A Família J se tornou nosso porto seguro, um lugar onde aprendemos juntos a importância da educação, do respeito e do carinho. E é com essa base sólida que seguimos caminhando, conscientes de que, apesar dos obstáculos, somos mais fortes quando estamos unidos.

Passado este período, encontrei outro escritor com quem me identifiquei bastante e que me presenteou com o melhor livro que li na minha vida: *O Futuro da Humanidade*, de Augusto Cury. Mergulhei em suas obras com muito afinco, lendo títulos como *Você é Insostituível*, *Nunca Desista dos Seus Sonhos*, *O Homem Mais Inteligente da História* e outros.

As reflexões de Augusto Cury me trouxeram novas perspectivas sobre a mente humana, a importância da inteligência emocional e a busca pelo autoconhecimento. Suas palavras reforçaram meu compromisso com o crescimento pessoal e profissional, além de me motivarem a inspirar meus alunos e minha família a acreditarem em si mesmos e a enfrentarem os desafios com coragem e esperança.

Esse encontro literário renovou minha fé no poder transformador da leitura e do aprendizado contínuo, lembrando-me de que nunca devemos desistir dos nossos sonhos, por mais difíceis que pareçam.

O impacto das obras de Augusto Cury foi profundo e duradouro. Seus ensinamentos me fizeram refletir sobre a importância de cuidar não só do conhecimento técnico, mas também do equilíbrio emocional e da resiliência diante das adversidades. Passei a aplicar esses conceitos na minha vida cotidiana, no meu trabalho como professor e na criação dos meus filhos, buscando sempre cultivar um ambiente de apoio, empatia e fortalecimento mútuo.

Além disso, os livros me inspiraram a encarar os desafios com mais serenidade e determinação, lembrando que cada dificuldade é uma oportunidade para crescer e evoluir. Com essa nova visão, percebi que o aprendizado é um processo contínuo, que vai muito além das salas de aula e dos livros. É uma jornada que envolve mente, coração e espírito.

Essas leituras também me motivaram a incentivar meus alunos a acreditarem no próprio potencial, mostrando-lhes que eles são únicos e capazes de transformar suas histórias, assim como eu venho fazendo com a minha. Hoje, mais do que nunca, entendo que ser educador é uma missão de vida, que exige paixão, dedicação e um constante desejo de aprender e ensinar.

Fui muito feliz com o universo de Augusto Cury, apesar de hoje ele ser bastante criticado por literatos por ser do universo da autoajuda. Para mim, porém, ele representou muito mais do que isso: me deu repertório e base para tra-

balhar com meus alunos na crença em dias melhores e na possibilidade real de mudança de vida.

Usei grandes trechos de suas obras em minhas aulas de Ensino Médio, especialmente nas disciplinas de Geografia e Filosofia. Era um jeito de conectar o conteúdo com a realidade dos jovens, despertando neles uma reflexão sobre o poder do autoconhecimento, da resiliência e da esperança. Vi muitos jovens que, graças a esse empurrãozinho filosófico – e, claro, ao estudo e à dedicação – conseguiram transformar suas vidas.

O professor Joabe Garcia, então, deixou de ser apenas um educador tradicional para ser uma referência, um guia que acreditava no potencial de cada aluno. Essa conexão, feita de confiança e estímulo, foi uma das maiores recompensas da minha carreira, pois eu sabia que estava semeando sementes que, um dia, dariam frutos de sucesso, autoconfiança e mudança.

Para finalizar, reduzi o ritmo de leitura, mas continuo lendo com frequência. Frequento as livrarias não apenas pelo cheiro do café, mas porque adoro cheirar um livro novo – perfume de recomeço. Nessa pausa, passei por livros religiosos, buscando mais sentido para minha religiosidade, com Deepak Chopra, em *As Sete Leis Espirituais do Sucesso*, e Kenneth Boa, em *Vinte Evidências que Deus Existe*.

Essas leituras me trouxeram uma nova dimensão de espiritualidade e reflexão, ajudando-me a encontrar respostas para perguntas que vão além do que se vê ou se toca. Percebi que a educação e o conhecimento são caminhos que andam lado a lado com a fé, a esperança e o amor – elementos essenciais para uma vida plena e com propósito.

Hoje, a leitura é para mim mais do que um hábito: é uma fonte inesgotável de inspiração, força e renovação. Cada livro aberto representa uma nova possibilidade, um convite para crescer, para compreender o mundo e a mim mesmo de forma mais profunda. Sei que, mesmo com o ritmo desacelerado, nunca deixarei de buscar aprender, de alimentar minha mente e meu espírito.

A trajetória que comecei na roça do sertão da Bahia, passando pela educação formal, pelas leituras e pelo trabalho, é a prova viva de que, com determinação, fé e amor pelo que se faz, podemos construir histórias que transformam vidas – a nossa e a de quem nos cerca.

O último livro que li foi *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, por indicação de um amigo professor de Geografia, a fim de observar os aspectos geográficos do sertão na narrativa do autor. Foi uma leitura que me conectou ainda mais às minhas raízes, permitindo entender com maior profundidade o cenário e a história daquele lugar que tanto influenciou minha vida.

Quero ressaltar, ainda, que sou consciente da importância e do valor da leitura na vida de uma pessoa. O grau de conhecimento e o nível intelectual que se ampliam com uma boa leitura são imensuráveis. A leitura não é apenas uma ferramenta de aprendizado, mas uma ponte que nos liga a mundos, culturas e ideias, ampliando nossa visão e transformando quem somos.

Continuo acreditando que o ato de ler é um dos maiores investimentos que podemos fazer em nós mesmos – um legado que deixo para meus filhos, meus alunos e para todos que cruzam meu caminho. E assim sigo, como profes-

sor, pai, leitor e aprendiz da vida, sempre aberto para as surpresas e desafios que o futuro me reserva.

E esse futuro que, surpreendentemente, chegou por meio de uma especialização *stricto sensu* em Letras, o Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). Um mundo maravilhoso da literatura que só vem me mostrando o quanto ainda tenho para ler e aprender.

Essa etapa acadêmica abriu portas para um universo mais vasto e desafiador, em que a paixão pela língua e pela literatura se une à pesquisa e à reflexão crítica. Cada artigo, cada discussão, cada novo livro estudado reforça minha certeza de que o conhecimento é infinito e que a jornada do aprendizado nunca termina.

Além disso, o PROFLETRAS tem me proporcionado a oportunidade de me aprofundar temas que sempre me interessaram e que agora posso explorar com maior rigor e método. A possibilidade de contribuir para a educação, de forma mais consciente e embasada, fortalece minha missão como professor e agente de transformação.

Sinto-me privilegiado por poder continuar trilhando esse caminho, cada vez mais consciente de que o estudo é uma ponte que conecta o passado, o presente e o futuro. E que, para além de minhas próprias conquistas, meu maior desejo é inspirar outros a se aventurarem nesse universo rico e transformador.

A caminhada ainda é longa, e sei que muitas páginas ainda serão escritas, muitas histórias ainda serão contadas – tanto pelas palavras dos livros quanto pelas experiências da vida. Estou pronto para seguir lendo, aprendendo e ensinando, com o coração aberto e a mente sempre curiosa.

MINHA HISTÓRIA COMO LEITORA



Kátia Mirelle

Desde a infância, a leitura me encantava, mesmo com o acesso limitado a livros. Recordo da coleção de contos infantis que minha mãe comprou, ainda que com limitação financeira. As histórias de *Chapeuzinho vermelho*, *Os três porquinhos*, *A bela adormecida* entre outros fizeram parte do meu imaginário. Mergulhava nessas histórias repetidamente, e após cada leitura, gostava de expressar minha imaginação em desenhos com cenas que mais me tocavam. E minha mãe, como professora da Educação Infantil, levava-os para que seus pequenos alunos expressassem sua própria imaginação a partir daquelas cenas desenhadas por uma criança que gostava de ler e desenhar.

Fui crescendo e minha mãe passou a comprar alguns romances, imagino que para adultos, que tinham como títulos nomes de mulheres como “Sabrina”. Na minha curiosidade e gosto pela leitura, minha mãe permitia o acesso a eles. Eu tinha também uma vizinha cujos pais assinavam revistinhas em quadrinhos da Disney, e tive momentos de leitura dessas revistinhas com a vizinha. Durante o meu Ensino Fundamental, a falta de bibliotecas e o pouco incentivo à leitura limitaram o encanto que tinha pela leitura e

consequentemente pela escrita. As bibliotecas não existiam ou não eram abertas para que os alunos pudessem acessar.

No Ensino Médio, uma nova fase se iniciou, quando mudei para uma escola particular. Ali me reencontrei com o prazer da leitura que estava adormecido, pois a leitura e a escrita eram incentivadas pelos professores da nova escola. A biblioteca nesse novo ambiente escolar era viva e eu sempre estava a pegar livros. O primeiro romance que comprei foi um indicado como referência de leitura para o vestibular da Universidade Federal de Sergipe – UFS, intitulado *Os corumbás*, de autoria de Amando Fontes, que foi morador da cidade de Aracaju.

Nessa época li alguns clássicos da literatura, como *Dom Casmurro* de Machado de Assis. Sempre defendi a figura de Capitu, que foi mal interpretada pelo seu marido, que escolheu o ciúme acima da felicidade da família. Eu me interessei também pela leitura de romances, como *Senhora*, *Lucíola* e *Diva* de José de Alencar, obras que têm como personagens principais mulheres fortes que vão além do seu tempo. Soma-se também a personalidade da nordestina alagoana Macabéa, em *A hora da estrela* de Clarice Lispector, com sua ingenuidade perante à vida. E também me encantei com a literatura regionalista brasileira através de livros como *Vidas Secas* e *São Bernardo*, de Graciliano Ramos.

Como minha mãe, e por influência dela, acabei seguindo a profissão de educadora. A escolha da área das Letras não foi por afinidade, e sim por falta de opção, pois, por limitações financeiras, não tinha condições de sair da minha cidade para estudar em uma capital. E a única faculdade

próxima que eu poderia cursar, na época, só oferecia docência em Letras. Segundo minha mãe, e seguindo seus conselhos, as oportunidades de emprego em nossa cidade tornavam mais vantajoso ser professora. E assim segui em frente, e não desanimei por não ter muita escolha. Sempre agradei a Deus pela oportunidade. Além do mais, o gosto pela leitura que tinha desde a infância fez com que me encantasse com a área. E foi através dela que conquistei minha autonomia financeira.

Antes de terminar a graduação em Letras, em meados de 2006, consegui a aprovação no concurso do Estado da Bahia para professora de língua portuguesa. Eu estava no sexto período da graduação. De início, achei que não conseguiria ingressar, mas a Secretaria da Educação demorou quase um ano para poder chamar os aprovados. E em março de 2007, junto com outros colegas que também conseguiram a aprovação, corremos contra o tempo, para terminar o curso antes da convocação, e apresentamos o trabalho de conclusão bem antes de todos da turma.

Quando finalmente ingressei como professora do Estado da Bahia, me frustrei porque não assumi as disciplinas de língua portuguesa, pois já estavam ocupadas por outros professores já antigos da casa, e acabei por muito tempo com disciplinas como inglês. Isso fez com que me afastasse do hábito da leitura por um bom tempo. Uns seis anos mais tarde, com a aposentaria de algumas professoras de língua portuguesa, retomei as minhas disciplinas. E logo a Secretaria da Educação da Bahia começou a disponibilizar romances em quantidades significativas para que todos os

alunos pudessem levar para casa. Foi aí que retomei o hábito da leitura de romances até para que pudesse trabalhá-los em sala. E percebi o quanto eu gostava desses momentos de leitura e discussão e produção com os meus alunos.

Muitos dos alunos que recebo na escola em que trabalho, o Colégio Estadual Doutor José Carlos Bezerra Carvalho, no município de Paripiranga, Bahia, chegam ao Ensino Médio com sérias dificuldades em leitura e escrita. Diante dessa realidade, na disciplina de Língua Portuguesa e Linguagem, Literatura e Empoderamento Social, desenvolvo um projeto de leitura com romances da literatura brasileira, que abrange desde os clássicos até os contemporâneos. Em cada unidade é realizada a leitura de um romance, e, após a leitura, os alunos são orientados a responder inicialmente a uma ficha de leitura, contendo questões discursivas. Espera-se que, em suas respostas, demonstrem raciocínio, conhecimento e opinião sobre o tema proposto, sempre embasando suas respostas com trechos do livro. Em um segundo momento, fazemos em roda de discussão do livro lido. Adoro desenvolver esse trabalho com eles, pois percebo a importância dos alunos se expressarem e compararem os problemas identificados no livro com o contexto atual. É um momento desafiador para eles, já que muitos nunca leram um romance.

Recentemente, junto com as minhas turmas, me encantei pela força das personagens femininas Belonísia e Bibiana do romance *Torto Arado* do baiano Itamar Vieira Júnior. Adorei conhecer a história dos quilombolas na voz de uma entidade, a “Santa Rita Pescadeira”. Adoraria conhecer

todas as obras do autor e me aprofundar em sua biografia. Não poderia deixar de comentar sobre Jefferson Tenório, em seu romance *O avesso da pele*, cujo personagem principal é um professor de Língua Portuguesa, que se encontrava desencantando com a profissão, mas que conseguiu retomar a atenção de todos da turma e o seu gosto pela educação, através da leitura de trechos do livro *Crime e castigo* do Dostoiévski. Ele é um personagem que acreditava que os livros poderiam mudar a vida das pessoas. E assim também, como professora, me sinto na obrigação de mudar a vida dos meus alunos através da leitura, para que eles se sintam como seres integrantes desse mundo e que sim, também sejam capazes de integrá-lo com cidadãos críticos e conscientes, que podem transformar a sua realidade através do conhecimento.

Busco transmitir essa intimidade com a leitura para minhas filhas, garantindo que tenham livros à disposição e valorizando momentos em que podemos ler juntas. Sei o quanto é importante momentos assim, para que elas consigam desenvolver sua criatividade e expressividade. Elas adoram ler e desenhar assim como a mãe gostava quando criança.

LENDO O MUNDO: UMA VIAGEM DE RESISTÊNCIA E IMAGINAÇÃO



Leandra Brandão

Segundo Paulo Freire, a leitura de mundo precede a leitura da palavra. Percebo que o processo da minha leitura da palavra e da literatura foi tardia e frágil. Filha de pais semianalfabetos, moradora da zona rural do interior da Bahia, ingressei na escola, oficialmente, depois dos 7 anos (a idade obrigatória na época e como meu aniversário é no mês de maio, oficialmente minha mãe só conseguiu me matricular no ano seguinte). Mas, como meu sonho era ir para a escola, minha mãe pediu a uma professora, amiga da família, para que eu pudesse frequentar mesmo sem estar matriculada.

A escola sempre foi o “melhor lugar” na minha percepção, nada me impediria de estar presente todos os dias, passeios, viagens, ida a casa dos avós... Nada era mais atrativo do que a escola. Hoje, acredito que esse encanto pela escola talvez estivesse relacionado ao fato de ser filha única até os 7 anos. Era “sozinha”, e minha mãe, sempre muito protetora, não me deixava sair para brincar com outras crianças, apenas tinha contato com umas primas (que deixaram o povoado e foram morar em uma cidade próxima) e uma

tia, irmã do meu pai, mais velha um ano. Na infância essa distância temporal faz diferença.

Estudei da 1^a à 4^a série (Ensino Fundamental I) em turma multisseriada em que o ensino apresentou inúmeras precariedades por diversos fatores, como a falta de recursos materiais e pedagógicos, a formação dos professores e a estrutura física (infelizmente algumas dessas características ainda permanecem, mas reconheço que já avançamos muito em alguns aspectos).

Na leitura de mundo posso afirmar que fui bem instruída, dentro das limitações da minha mãe, que fazia questão de mostrar a importância do estudo “para transformação de vida”. Ela explicitava que o sonho dela era que eu fosse bancária (uma das melhores profissões visualizadas por ela aqui em nossa cidade do interior) e afirmava com frequência que eu devia estudar muito para nunca precisar trabalhar como doméstica (na visão dela, essa é a pior profissão!). Apesar de nunca ter trabalhado como doméstica e nem termos uma pessoa trabalhando em nossas casas, comungo do mesmo pensamento. Nenhum ser humano deveria trabalhar na casa de outro. Agora, na vida adulta, concordo ainda mais com essa visão... Não tenho, por exemplo, ninguém me auxiliando nos trabalhos domésticos em minha casa. Na mesma linha, também acho o máximo esses auxílios governamentais frutos de políticas públicas afirmativas, que proporcionam uma pequena autonomia às pessoas, buscando amenizar a pobreza e visando garantir direitos e oportunidades. Não suporto pessoas com um pouquinho a mais de poder aquisitivo dizendo que tem “empregada” e que agora

está muito complicado, já que ninguém quer trabalhar, por causa do programa “Bolsa Família”... Tudo culpa de “Lula”...

Continuando minha história como leitora, a necessidade de estudar ficou intrínseca em meu ser! Aproveitei todas (poucas) as oportunidades que apareceram ao longo da minha vida e continuo “batendo” na porta em busca de formação. Estudar sempre foi minha prioridade, pois compreendo a educação como possibilidade de enriquecer conhecimentos, alçar voos inimagináveis e alcançar nossos objetivos. Confesso que, para quem não nasce “herdeira”, é tudo mais difícil e delicado, mas esse é um dos fatores que nos devem fazer resistir e prosseguir. Temos que contribuir com os “surtos” da casa grande ao perceber a “senzala” ocupando lugares que não foram pensados/projetados para nós.

Desde meus 8 anos conciliei os estudos com o trabalho, não que fosse obrigada a trabalhar, pois, mesmo com poucos recursos, minha mãe sempre fez o possível para nada faltar em minha vida. Filha de pais desprovidos de recursos financeiros, sempre tive o que era possível. Mas sabia que podia colaborar e comecei a trabalhar como revendedora “ambulante” em meu povoado, revendendo desde cosméticos das marcas Natura e Avon até roupas, cobertores... Com as vendas, lucrava uma pequena porcentagem que ajudava a adquirir minhas “coisinhas” (risos). Persistência e determinação sempre foram meus pontos fortes.

Preciso esclarecer uma coisa: sempre fui rica do que o dinheiro não compra! Amor, afeto, atenção, presença da família e tempo de qualidade nunca me faltaram. Fui e sou uma menina/mulher realizada. Brincadeiras, inven-

ções, criações e uma imaginação aflorada foram presenças constantes em minha vida. A literatura surgiu em minha vida sem artifícios. Visitávamos frequentemente a casa dos meus avós maternos e lá havia um quadro-negro móvel e alguns livros didáticos de uma tia que tinha lecionado há muito tempo no Movimento Brasileiro de Alfabetização, o MOBRAL. Esses “restos” de materiais pedagógicos eram motivos de disputas entre os primos. Gostava de brincar de ser professora, imaginava alunos, realizava leituras, fazia atividades, passava a maior parte do tempo folheando os livros e imaginando narrativas para as ilustrações.

Tenho um tio, João Bosco, que ama umas narrativas inverossímeis. Ele tinha uns livrinhos que não deixava ninguém pegar, mas criava umas narrativas que prendiam as nossas atenções. Na época de inverno, sentávamos todos próximo ao fogo de lenha para comermos milho assado. Eu, como a mais dengosa e “preferidinha” do meu avô – na época, depois já é uma outra história que não deve ser mencionada (risos) –, era a primeira a ganhar o milho assado. Esse tio pegava a espiga de milho e inventava histórias, retirando o milho do sabugo, criando a trilha por onde o personagem transitava e os grãos eram subtraídos. Perdia os grãos, mas alimentava a imaginação...

Sou a irmã mais velha de três e auxiliei na alfabetização das mesmas. Meu hobby era ser a professora delas e imaginava-me lecionando para uma turma com todos os aparatos de uma sala de aula de verdade. Tinha uma admiração inenarrável pela minha professora da época, embora ela não “me notasse”. Eu pertencia a uma classe multisseriada da zona

rural e de família de poucas posses, o que acredito dificultava “a visão” da mestra. O aprender fazendo, posicionando-se no lugar do outro, torna o aprendizado mais atrativo e significativo. Na proporção em que ensinava minhas irmãs, aprendia mais e tornava-me cada vez mais uma “boa aluna”.

Aos 13 anos comecei a trabalhar como auxiliar de professora e até hoje estou na educação. Não sei ao certo se foi ou não uma “escolha” ser professora, mas a vida foi conduzindo e aqui estou. Ao ingressar no Ensino Médio o colégio em que fui estudar deixou de ofertar o curso normal, ou “Magistério”. Após cursar o 1º ano do Ensino Médio, a instituição voltou a ofertar o Magistério, e recordo que minha mãe me aconselhava a retornar para a 1ª série e cursá-lo, pois isso seria uma garantia a mais de ter uma profissão e permanecer na educação. Mas eu fui contra e afirmava que depois ingressaria na Faculdade “com fé em Deus”. E minha mãe ficava se perguntando como e em quais condições. Mas sempre acreditou em mim, coloquei e coloco a minha fé em Deus e Ele sempre abre portas, acredite!

Os versos desse trecho da canção “Tá chorando por quê?”: “[...] Nem era para você estar aqui/ Mas Deus falou assim/ Esse aí vou levantar/ E onde colocar a mão Eu vou abençoar [...]”¹ traduzem minha trajetória de vida. Sinceramente nem sei como cheguei até aqui, ou melhor, sei sim! Sempre fui conduzida pelas mãos de Deus. Sei que a minha história de vida é um testemunho da presença e bondade

¹ SILVA, Filipe Costa. *Tá Chorando Por Quê?* 2020. Letra disponível em: https://www.reddit.com/r/YoutubeMusic/comments/1fcofy6/is_musixmatch_no_t_a_source_of_lyrics_anymore/?tl=es-es. Acesso em: 07 maio 2025.

divina. Brinco com meus alunos que hoje sou “rica” e devo isso a Deus que sempre esteve ao meu lado me dando forças e sabedoria para enfrentar os obstáculos, nunca encontrei nenhuma porta aberta, sempre tive que empurrar... E se eu consegui, eles também conseguirão!

Hoje, ao realizar a leitura de Perrone-Moisés (2006), percebo o quanto fui privada da fruição literária: “A pretensão democratização do ensino, como nivelção baseada na “realidade dos alunos”, redundante em injustiça social. Oferecer aos alunos aquilo que já consta em seu repertório é subestimar a sua capacidade de ampliar esse repertório (Perrone-Moisés, 2006, p. 28)².

O contato com obras literárias durante o Ensino Fundamental e médio foram restritos aos textos disponíveis nos livros didáticos que eram conduzidos para leitura, compreensão e interpretação. Não recorro de termos realizado a leitura de nenhum livro. Na minha primeira graduação em Letras foi que tive contato “obrigatório” com o universo literário e percebi o quanto meu repertório precisava ser ampliado.

Estudante do curso de Letras e professora do Ensino Fundamental, buscava conciliar as duas atuações inserindo a literatura na vida profissional e acadêmica, mas confesso que o sonho pela estabilidade financeira fruto da aprovação em um concurso público me conduzia mais para estudos focados em editais. As leituras eram restritas à obrigatoriedade

² PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Literatura para todos*. Literatura e Sociedade, São Paulo, n. 9, p. 16-29, dez. 2006. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/l/article/view/19709>. Acesso em: 26 de abril de 2025.

de dos componentes curriculares, pois precisava conciliar a labuta diária no exercício do magistério e a vida acadêmica. E como nos revela Cecília Meireles no poema “Ou isto ou aquilo”: “[...] É uma grande pena que não se possa estar ao mesmo tempo em dois lugares!”³.

Gosto de inserir poemas nas aulas. Nossos adolescentes precisam vivenciar, sentir a beleza da poesia. Comungo da mesma visão de José Paulo Paes no poema “Poesia é...”:

Poesia é brincar com palavras
como se brinca com bola,
papagaio, pião.
Só que bola, papagaio, pião
de tanto brincar se gastam.
As palavras não:
quanto mais se brinca com elas
mais novas ficam.
Como a água do rio
que é água sempre nova. Como cada dia que é sempre um
novo dia.
Vamos brincar de poesia? (PAES, 1986, p. 15)⁴.

Vamos brincar de poesia? As palavras não se gastam e trazem conhecimento que é sempre essencial. Atrair o aluno para o universo literário não é algo fácil, competimos

³ SALVÁ, Camila. *Da literatura infantil ao simbolismo: conheça a trajetória de Cecília Meireles*. Porto Alegre: Instituto Ling, 26 jul. 2021. Disponível em: <https://institutoling.org.br/explore/da-literatura-infantil-ao-simbolismo-conheca-a-trajetoria-de-cecilia-meireles>. Acesso em: 24 maio 2025.

⁴ PAES, José Paulo. *Poesia para Crianças*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1986.

com as telas e as Inteligências Artificiais, competição injusta! Mas é possível vencermos. Precisamos nos aliar ao afeto, de acordo com o que nos revela Cora Coralina: “Não sei se a vida é curta ou longa para nós,/mas sei que nada do que vivemos tem sentido,/se não tocarmos o coração das pessoas”⁵.

A leitura tem esse poder, vamos nos aliar a ela. Ensinar é uma ação exigente! Exige formação constante, exercício de empatia e aqui estamos em formação com o propósito de aprender para inovar, motivar e inspirar... A leitura nos permite enxergar coisas imperceptíveis, abre horizontes, amplia o nosso repertório... Nunca iremos ouvir alguém afirmar que se arrependeu de ter realizado alguma leitura.

Estou vivenciando um dos períodos mais propícios para adentrar no universo literário e quero muito aproveitar cada minuto, já que, pela primeira vez na minha vida, estou trabalhando apenas 20 horas. Então, é hora de aproveitar cada minuto e me dedicar à minha formação literária. Mesmo com pouco tempo, busquei estratégias de leituras. Participei há pouco tempo de um clube de leitura com os colegas de trabalho e discutimos algumas obras. Destacarei aqui as de que mais gostei, deixando a sugestão de leitura: *A biblioteca da meia-noite*, de Matt Haig, *Torto arado*, de Itamar Vieira, *Quem tem medo do feminismo negro*, de Djamilia Ribeiro, e *Borboletas na chuva*, de Neuza Sorrenti.

Ah! Se eu soubesse o que hoje eu sei, as leituras teriam sido muito mais prazerosas e enriquecedoras. O Mes-

⁵ CORALINA, Cora. Não sei. In: _____. *A Soma de Todos os Afetos*, 12 abr. 2016. Disponível em: <https://www.asomadetodosafetos.com/2016/04/nao-sei-cora-coralina.html>. Acesso em: 25 maio 2025.

trado Profissional em Letras está contribuindo muito para ampliar as nossas percepções, pois nos leva a fazer leitura com olhar diferenciado, observar aspectos que eram invisibilizados, analisar a capa, conhecer a biografia do autor, o contexto histórico, as conexões com outras obras, socialização da leitura, ler livros para diferentes faixas etárias e de diferentes gêneros tem sido uma experiência singular. Quero compartilhar essas experiências com meu alunado e colaborar significativamente com a formação leitora de cada um.

Tudo isso porque, como diz Bráulio Bessa, “O tempo não para, a vida não espera, /E a gente só tem essa chance/ De fazer o melhor que puder./ Então, erga a cabeça, sorria,/ E vá em frente, sem desistir./ Porque o amanhã é um novo convite pra você.”⁶. Quero aproveitar cada chance/oportunidade e dedicar-me com zelo, empenho, foco e determinação e fazer o melhor que posso.

⁶ BESSA, Bráulio. Recomece. *Bráulio Bessa*, 20 nov. 2018. Disponível em: <https://www.brauliobessa.com/post/recomece>. Acesso em: 25 maio 2025.

NONADA TRAVESSIA



Luciana Arcanjo

*Cada um rema sozinho uma canoa que navega um rio
diferente, mesmo parecendo que está pertinho.*
Guimarães Rosa

Sou muito curiosa e sempre gostei muito de ler. Aprendi a ler antes da 1ª série, com uns cinco anos, o que não era tão comum na minha geração, principalmente entre as crianças de escola pública. Os professores da época não trabalhavam muito com textos literários, pois o ensino da gramática normativa e suas regras eram a prioridade das aulas de Língua Portuguesa. Talvez, por isso, nunca gostei muito da matéria. Eu preferia Matemática, e sempre fui muito boa por sinal (vejam que ironia!).

Meu pai sempre contava histórias antes de dormir para mim e minhas irmãs. Mas eu sempre fui a que mais gostava de ouvi-las: não perdia uma, e ficava triste quando, às vezes, minha mãe me mandava dormir antes de ele contar alguma.

Nasci em São Paulo, onde morei até meus 10 anos. Porém, meus pais são nordestinos, do interior de Sergipe, e isso fez toda a diferença em minha vida. Desde cedo, escutei muitas histórias religiosas da Bíblia e lendas do folclore

brasileiro, tão comuns no sertão nordestino. Minha mãe afirmava que conheceu um homem que virava lobisomem. Ele morava no mesmo povoado que ela nasceu e cresceu, Altos Verdes, em Carira. Um tio meu dizia que, uma noite, quando voltava da casa de uma antiga namorada, foi surpreendido pelo bicho, que o derrubou em um buraco na rua. Era Quaresma, período de quarenta dias que antecede a Paixão de Cristo, sua morte e ressurreição, e as comemorações da Páscoa, segundo o catolicismo. De acordo com as crenças religiosas, é o momento em que todas as criaturas sobrenaturais e o demônio estão à solta e se manifestam.

Minha avó materna dizia que viu mula-sem-cabeça. De acordo com a lenda, mulher que namora com padre vira mula. Já um tio paterno, que caçava, relatava que viu Saci, alma penada e caipora. E meu pai dizia ter visto fogo corredor que, segundo a crendice do povo, eram compadres que se relacionavam em vida e, quando morriam, viravam faíscas no meio da mata. Porém a Física explica o fenômeno, que não tem nada a ver com espíritos vagantes. Isso só destaca a criatividade e a riqueza da tradição oral e cultural do nosso povo sertanejo, que criou lendas e mitos fascinantes para explicar fenômenos naturais e sobrenaturais que não compreendiam muito bem. Sinto-me muito agraciada e privilegiada por fazer parte e ter contato direto com a cultura nordestina. Agora, voltemos às leituras...

Os primeiros contatos com uma leitura mais assídua foram as revistas *teens*, de horóscopo, de fofocas e de resumos de novelas, tão comuns no início dos anos 2000. Tais exemplares traziam muitas curiosidades interessantes e as-

suntos pertinentes, como saúde, além dos temas banais da adolescência.

As revistas para jovens como a *Capricho*, por exemplo, eram uma febre entre os adolescentes na época. Além dos temas da adolescência, das receitas de dietas mirabolantes, das dicas de moda e comportamento e dos conselhos amorosos desastrosos, os exemplares traziam um pôster dos galãs em destaque na época. Meu quarto e guarda-roupa eram cheios deles. Além dessas revistas, havia as minhas preferidas: as de horóscopo. Tentar prever e me preparar para as coisas antes que elas acontecessem era um poder que só o horóscopo me proporcionava. Claro que nem tudo acontecia (quase nada). E o que acontecia não passava de mera coincidência, mas me fascinava essa ilusão de ter o controle de adivinhar o futuro e, a partir disso, poder fazer escolhas mais conscientes e prudentes e, assim, decidir o meu destino. Já as revistas de fofocas eram as mais divertidas, afinal, quem não gosta de bisbilhotar a vida alheia? Eu me arriscaria a dizer que é uma necessidade vital do humano, assim como respirar. E não era qualquer fofoca, eram situações da vida privada de pessoas públicas, como celebridades e personalidades nacionais e mundiais em destaque na mídia, o que atiçava ainda mais a minha curiosidade. A verdadeira face do artista. Ou o outro lado da fama.

Os resumos das novelas eram os meus queridinhos. Naquela época eu ainda era noveleira, e acompanhava todas as novelas da grade da TV aberta. Lembro-me de que viajava nas histórias, apesar de terem praticamente o mesmo enredo: a dificuldade de a mocinha ficar com seu amado

graças a um vilão perverso que fazia de tudo para afastá-los. Então, acompanhar as revistas com os resumos dos capítulos era a minha obsessão, dentre as opções disponíveis para mim na época.

Antes dessa fase, ainda na infância, eu lia muito gibis da Turma da Mônica e da Xuxa. Recordo-me que ganhei alguns poucos quadrinhos da Turma da Mônica. Outros, eu achava na rua ou no lixo da vizinhança. Também havia alguns na escola e na sala da recepção da clínica dentária. Adorava a Mônica, principalmente por ser a protagonista, já que não era muito comum ver meninas ou mulheres nesse lugar. Além disso, ela era esperta, inteligente, imponente e não permitia que ninguém zombasse dela ou a diminuíssem, muito menos os meninos, sem levar uns cascudos – o Cebolinha que o diga. A mensagem era clara: ser mulher não te impede de reagir. Já os quadrinhos da Xuxa vinham de brinde, junto com a compra dos produtos da Arisco, marca famosa de produtos alimentícios nos anos 80-90. Eu fazia a minha mãe comprar extrato de tomate da marca para obter os exemplares. Eu era muito fascinada pela Xuxa quando criança, não perdia um *Xou da Xuxa*.

Eu gostava de ler também os livros didáticos da escola e respondia às atividades antes de os professores solicitarem. Como não tinha muito acesso a livros na época, devido aos poucos recursos, lia os que podia, como os da escola e uns manuais antigos do meu pai do período que ele estudava. Ele tinha um de inglês que eu adorava. Ficava brincando de escolinha com ele, uma das minhas brincadeiras prediletas, e tentando decifrar as coisas escritas ali.

Um dos meus primeiros livros literários foi um exemplar que meus pais compraram para o catecismo. Um livro infantil com as principais histórias bíblicas. Uma versão compacta do evangelho, com uma linguagem acessível para crianças, sem toda aquela complexidade dos textos da Bíblia. Desde a gênese até as parábolas de Jesus, minhas preferidas. Sempre adorei a figura do Cristo, suas histórias e trajetória sempre me intrigaram e me faziam refletir – fazem até hoje. Sem dúvidas, um exemplo a ser seguido. Meu pai sempre contava suas histórias e parábolas. Eram as de que eu mais gostava.

Ah, não posso esquecer dos contos de fadas. Por um longo tempo de menina, eles me acompanharam e me fizeram sonhar um pouquinho com o tal do príncipe encantado – quem nunca? Eu realmente amava os enredos clichês, com desfechos mais do que previsíveis. Então vieram as inúmeras versões da Disney, que só aumentaram o meu encantamento. Achava as animações lindas, apesar de não curtir muito a parte dos musicais.

Tudo mudou quando conheci Alice. Sim, a personagem do livro de Lewis Carroll. Nada mais foi igual depois do livro *Alice no País das Maravilhas*. Mais uma protagonista feminina, não qualquer uma, a protagonista. Corajosa, destemida, aventureira, desbravadora, sonhadora e, o principal, não estava em busca de amor romântico ou príncipe. Muito menos esperava que algum a salvasse de qualquer enrascada. Queria mais. Buscava mais. Sonhava mais. Eu também... Considero-me uma leitora e mulher antes e depois de Alice.

O primeiro clássico da literatura brasileira que li foi *Diva*, do romântico José de Alencar, ainda no Ensino Médio.

Li poucos exemplares na escola, mas esse me marcou. Não esqueço porque a obra me inquietou bastante. O romance narra a história de amor entre o médico Augusto e sua paciente Emília. Como o narrador é o rapaz, lembro que me incomodou bastante a forma idealizada, e ao mesmo tempo desprezível, com que ele descrevia a amada. Leiam e tirem suas próprias conclusões!

Nessa fase, estudando para prestar o meu primeiro vestibular, li também *O sertão vai virar mar*, de Moacyr Scliar, uma das obras adotadas para a prova da UFS naquele ano. Fiquei muito entusiasmada com o enredo inspirado na história da Guerra de Canudos e na obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Recordo que essa frase-título, “O Sertão vai virar mar”, ficou ecoando em minha mente. Seria uma espécie de premonição?

Pouco tempo depois, passei no vestibular e entrei na universidade, para cursar Pedagogia. No 3º período, solicitei transferência interna para Letras, mudei de curso e me formei. Depois de Alice, a faculdade foi outro divisor de águas no meu percurso como leitora. Conheci a literatura infantil, pela qual logo me apaixonei, pois, paralelo a esse encontro, nasceu meu primeiro sobrinho. Foi quando mergulhei no gênero para dividir as leituras com ele.

Posteriormente, já no curso de Letras, veio a mitologia grega, com a leitura de *Édipo Rei*, gênero que eu já adorava em séries e filmes. O mito é um gênero muito audacioso, além das aventuras, guerras e batalhas, tenta explicar os mistérios do mundo e as ambivalências humanas, leitura que sempre rende reflexões profundas e inquietantes.

Ah, não posso esquecer da literatura regional, que também me foi apresentada na graduação, deixando a sua marca com *Vidas secas*, de Graciliano Ramos. Que leitura impactante! O silêncio mais cortante da história da literatura. Tão dilacerante e amarga quanto a seca do sertão, como o autor bem descreveu na obra. Uma leitura que me causou náuseas e ao mesmo tempo sublimação.

Então veio Clarice, sim a Lispector, com *A hora da estrela*, e outro portal se abriu em minha vida. Apesar de sua escrita densa, fui arrebatada e capturada pela introspectividade da sua palavra. Foi amor à primeira leitura. E nunca mais nos separamos. Um mergulho na alma humana. Um mergulho em mim sempre que a leio.

Lembro-me de como o conto “Feliz aniversário” me impactou na primeira vez que o li. Remeteu-me à minha família materna. Foram dias digerindo as palavras, pensando na postura imóvel e indiferente de dona Anita. Como Clarice sabe cutucar, como poucos autores, o familiar em nós. Inclusive, estou lendo novamente *A hora da estrela*, observando as cores e os animais sobre os quais a professora Cristina havia comentado recentemente numa aula de Leitura Literária.

Na semana passada li a *A via crucis do corpo* na íntegra. Havia lido alguns contos apenas, num curso de extensão sobre a autora, foi assim que conheci a obra. Livro pouco comentado da escritora, feito por encomenda a pedido de seu editor na época. O primeiro e único livro erótico de Clarice, mas parece uma comédia de tão inusitado e hilário. Ela já inicia a coletânea se confessando, num prefácio intitulado

“Explicação”, e meio que pedindo perdão aos leitores por ter escrito aquelas histórias... Vale muito a pena ler. E os seus livros infantis? Ah, um tesouro à parte. Comprei um box deles para meus sobrinhos, mas confesso que me apeguei à coleção mais que eles. O conto “A galinha” é simplesmente excepcional. Confirmam!

Outro gênero do qual também gosto bastante é a biografia (autobiografia também!). Atualmente, estou lendo a autobiografia da Rita Lee, tão genial na vida quanto na arte. Amo filmes e séries biográficos ou baseados em acontecimentos reais. Eu penso que, por mais fantástica que seja uma história de ficção, nada supera a experiência da vida, a realidade mesmo, nua e crua, com todas as suas nuances, paradoxos, inconstâncias e ambiguidades. Contudo, vista pelas lentes poéticas e artísticas de uma câmera ou da ponta dos dedos de alguém. A literatura e a arte têm esse dom, esse *feeling*, não é mesmo?! Transformam as situações mais prosaicas do dia a dia em algo a mais, raro, único e mágico, que só pode ser compreendido, tocado e sentido por outro humano.

E vamos ao meu gênero textual queridinho: crônica. Este sempre acompanhou meu percurso profissional como professora, e acabou sendo um dos gêneros com que eu mais trabalho em sala de aula, seguido dos contos, uma vez que possuem uma linguagem mais acessível e compreensível para a faixa etária que eu costumo lidar, entre 10 e 15 anos. Por outro lado, como são leituras mais curtas, acabam atraindo mais os adolescentes também, já que a geração atual é muito acelerada e tem dificuldade ou se recusa a ler uma obra literária inteira.

Após ter me tornado leitora assídua de Luís Fernando Veríssimo, Carlos Drummond de Andrade, Moacyr Scliar, Fenando Sabino, Rubem Braga, Millôr Fernandes e Leo Cunha, além de Machado de Assis e Clarice Lispector claro, a paixão por crônicas ficou cada vez mais intensa. A forma criativa e inusitada com que esses escritores narram o cotidiano, transformando a experiência humana mais singela em arte e profunda sabedoria, é algo que sempre me cativou e surpreende a cada nova leitura.

Na pandemia, conheci a leitura de Chimamanda Ngozi Adichie, escritora e ativista nigeriana, e bell hooks, escritora e ativista estadunidense, ambas donas de uma escrita sensível e de resistência ao mesmo tempo. Suas palavras entram em nossas entranhas e nos fazem ver o mundo de uma forma diferente, esperançosa e possível, apesar de suas agruras. Apenas leiam *O perigo de uma história única*, de Chimamanda, e *Tudo sobre o amor*, de bell hooks. Nessa época, também li, de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*. Outra leitura difícil e impactante, que me atravessou profundamente e sensibilizou-me bastante. Aproveite e emendei com a leitura de *Diário de Bitita*, outra obra da escritora. A realidade exposta como ferida na carne, chocante, porém crucial e necessária.

Minha paixão mais recente é Conceição Evaristo, indicação de Isabela, uma amiga querida, parceira de vida e de profissão. Já havia lido alguns de seus poemas, mas o que me fisionou mesmo foram os contos. Li *Olhos d'água* há poucas semanas, a fim de produzir uma sequência didática e escrever um artigo para submissão em um evento, e

confesso que me apaixonei. Conceição tem a habilidade de transformar a realidade mais violenta, escassa e cheio de privações em algo belo e, ao mesmo tempo cortante. Assim, convida-nos não só à reflexão e à empatia, como também à raiva e à revolta, não aquelas que aniquilam, adoecem, mas as que mobilizam e são capazes de mudar algo, em nós e nos demais.

Atualmente, leio livros de psicologia, educação, temas sociais, romances, mas os meus prediletos continuam sendo os livros de contos e crônicas. Sempre estou lendo algum. Tenho lido bastante também livros com temáticas raciais e feministas, temas que, nos últimos anos, têm me interessado bastante.

Por fim, quero concluir este relato com um agradecimento. Primeiro, aos meus pais, por terem investido em mim, nos meus estudos e nas minhas leituras, bem como na minha imaginação e curiosidade ao compartilhar suas histórias comigo, de vida e ficção. Apesar de terem cursado somente até a 4ª série, sempre reiteravam o valor da formação e do conhecimento como forma de ascensão de vida e de espírito. Amo muito vocês! Em segundo lugar, aos meus professores e professoras queridos (as), em especial a todos que tive aula na faculdade, principalmente os de literatura. Vocês mudaram radicalmente a minha vida para muito melhor. Obrigada por terem me apresentado tantos autores e autoras incríveis, de uma forma única, sedutora e apaixonante, e por terem me formado leitora antes mesmo de educadora. Gratidão eterna!

A HISTÓRIA DE UM PROFESSOR-LEITOR



Patrick Wallas

Nunca fui daqueles meninos que liam escondidos à noite, com uma lanterna debaixo do cobertor, mergulhados em histórias de heróis e aventuras. Na minha infância, os livros não faziam parte da rotina. Cresci em uma casa onde se valorizava a educação – afinal, meus pais são professores –, mas a leitura, especialmente a literária, não era algo presente no nosso dia a dia. Os livros existiam, sim, mas como ferramentas de trabalho, não como prazer ou refúgio. Literatura, para mim, era uma obrigação da escola, não uma descoberta pessoal.

Mesmo assim, desde cedo eu tinha vontade de ensinar. Talvez por influência dos meus pais. Talvez porque sempre gostei de falar, de explicar, de ajudar alguém a entender alguma coisa. Sempre fui comunicativo, curioso, e tinha essa vontade de dividir o que sabia com os outros. Era como se ensinar fizesse parte de quem eu sou, mesmo antes de eu perceber isso com clareza.

Contudo, quando entrei no Ensino Médio em uma escola particular, senti que ser professor não era algo valorizado. As pessoas falavam muito em fazer Medicina, Direito ou Engenharia. Esses eram os cursos “importantes”. Falar

em ser professor soava como um plano de quem não conseguiu algo melhor. E, mesmo sem perceber, fui me afastando da ideia. Comecei a pensar em caminhos mais aceitos socialmente, e escolhi fazer Direito.

Entrei na faculdade de Direito em 2013, achando que estava fazendo o que era certo. No começo, tive que encarar muitas leituras difíceis, cheias de termos técnicos. Mas algo surpreendente aconteceu: comecei a gostar de ler. Os fichamentos, os textos, os estudos me ensinaram a prestar atenção, a entender o que estava por trás das palavras. Foi assim que comecei a desenvolver o hábito da leitura – mais por necessidade do que por paixão, mas a semente estava plantada.

Um pouco depois, li *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego. E algo diferente aconteceu. Li rápido, gostei da história e me senti tocado por ela. Pela primeira vez, um livro me levou para outro lugar, fez-me sentir coisas que eu não sabia explicar. Foi como se uma porta tivesse se aberto depois de muito tempo fechada.

A partir dali, fui me aventurando por outros autores: Clarice Lispector, Machado de Assis, Jorge Amado. Ainda era uma relação nova, construída com esforço, mas fui descobrindo que ler podia ser prazeroso, libertador. Eu não lia tanto quanto gostaria – o tempo às vezes apertava –, mas agora os livros faziam parte da minha vida.

Em 2019, entrei no curso de Letras com a intenção de formalizar aquilo que, na prática, eu já fazia – escrever, revisar e produzir textos acadêmicos que, até então, eu não podia nem assinar as revisões para publicação. Mas foi só

quando entrei em sala de aula pela primeira vez que compreendi, de verdade, que ensinar era para mim. Ali, percebi que não se tratava apenas de escrever ou saber, mas de estar com o outro, de construir sentido junto. E foi isso que me fisionou.

No ano seguinte, em 2022, fui contratado para dar aula. O nervosismo foi enorme. Vesti o uniforme da escola como se fosse uma armadura – mas ela parecia frágil diante da responsabilidade que eu sentia. Entrei na sala com o coração disparado, com medo de não dar conta. Mas, aos poucos, comecei a falar, a explicar, a escutar os alunos. E percebi algo incrível: eles estavam entendendo. Eu estava conseguindo ensinar.

Quando a aula terminou, sentei por um momento em silêncio. E ali, naquele instante, senti algo diferente. Eu me senti bem. Estava no lugar certo. Não foi uma euforia, mas uma certeza tranquila. Ensinar me fazia bem. Eu tinha encontrado meu caminho.

Hoje, continuo dando aula e estou no mestrado em Letras. Agora, mais maduro, entendo melhor o que é ler de verdade. Descobri que ler não é só entender o que está escrito. Ler é interpretar, sentir, imaginar. Aprendi a gostar de poesia, coisa que antes eu achava difícil. Passei a ver beleza nos versos, nos silêncios, nas imagens que os poemas criam.

Gosto de livros como *Sapiens*, que me fazem refletir sobre o mundo e sobre a sociedade. Mas agora também me permito mergulhar em cordéis, poemas, textos curtos e delicados. A literatura deixou de ser uma ferramenta e passou a ser parte da minha forma de viver.

Ser professor no Brasil não é fácil. A gente carrega muitas responsabilidades e recebe pouco reconhecimento. Vejo isso todos os dias na escola. Os alunos continuam sonhando com Medicina, Direito, Engenharia. Ser professor ainda é visto como um plano de fuga. Mas eu, que escolhi essa profissão, não me arrependo. Sinto orgulho.

Hoje, quando olho para tudo que vivi, percebo que minha trajetória com os livros e com o ensino foi construída aos poucos. Não foi um caminho reto. Tive dúvidas, medos, tropeços. Mas fui seguindo. E cada passo me trouxe até aqui.

Comecei a ler mais tarde, mas isso não me impediu de me apaixonar pela leitura. Comecei a ensinar com medo, mas logo percebi que era ali o meu lugar. Hoje, ensino e leio porque acredito. Acredito que as palavras têm força. Que ensinar transforma. Que ler abre portas. E que, para mim, viver entre o silêncio e as palavras é o melhor jeito de estar vivo.

MINHA PEQUENA IMENSIDÃO DE LETRAS



Pricila Horrana

Eu me chamo Pri, habito os meus vinte e poucos anos com a serenidade de quem já entendeu que o tempo é um tecido costurado por histórias. A minha, em especial, tem a leitura como linha que entrelaça cada fase da vida. Aprendi a ler aos quatro anos, pelas mãos e pelos olhos da minha mãe, uma pedagoga apaixonada pela arte de alfabetizar. Ela não apenas me ensinou a decifrar letras, mas me apresentou o milagre da leitura, mesmo sem ter noção do impacto que geraria em minha existência.

Minha casa era pequena, mas imensa em palavras. Os livrinhos infantis estavam por toda parte: no meio da casa, no meu quarto, sobre a mesa, ao lado do travesseiro. Eu me recordo com nitidez da coleção de histórias clássicas de fábulas, bem como de ouvir *João e Maria* narrado pela voz de Silvio Santos num CD que girava como um portal mágico, e eu adorava (não a parte narrada por Silvio Santos kkkkkkkk, mas especialmente, a parte em que o coelhinho escovava os dentes). Ria sozinha. Repetia os trechos. Fazia vozes. Tão logo me tornei leitora, tornei-me também contadora de histórias: contava para as bonecas, para os parentes, para qualquer um que aceitasse ouvir, ou mesmo quem

não aceitasse. Até hoje falo sozinha, como quem ensaia novos enredos.

O tempo passou, e a leitura foi mudando de forma. Continuava ali, constante, mas cada vez mais cheia de camadas. No Ensino Fundamental, descobri *O Pequeno Príncipe*, que me encantou com sua ternura e filosofia suave, que inclusive, nunca perde a magia. Cada vez que releio, aprendo algo novo. Logo depois, conheci *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e aquele livro me pegou de um jeito diferente. Havia dor ali. Havia silêncio. Havia fome. E havia denúncia. Era como se a literatura me dissesse: “olhe para o mundo com mais atenção.” Foi o início do meu olhar crítico, ainda em formação, mas já atento.

Na adolescência, comecei a escrever meus próprios poemas. Versos tímidos, às vezes confusos, mas verdadeiros. Eram desabafos, orações, gritos silenciosos. E quanto mais escrevia, mais queria entender o que havia por trás das palavras. Foi assim que percebi meu desejo pelas Letras. Gostava de escrever redações na escola, e mais ainda de ajudar minhas amigas com as delas. Havia algo de mágico em traduzir ideias em textos, em ensinar com gentileza. Era como se o ato de ensinar fosse uma extensão natural do meu gosto por ler e escrever.

Na graduação, mergulhei nos textos canônicos, nos tratados teóricos, nos estudos linguísticos e literários. Li com afinho, com curiosidade, mas também com cansaço. O tempo parecia sempre curto, as leituras exigidas, infinitas. E, aos poucos, percebi que a minha identidade leitora estava se diluindo no meio de tanta obrigação. Não havia espaço

para leituras espontâneas, para aquele prazer simples de escolher um livro sem que ele estivesse no plano de curso, e nesse período entrei em crise, e fiquei um pouco desanimada com a leitura.

Havia, contudo, um lugar que me deixava inspirada e eu sentia que ali era o meu “habitat natural”: as bibliotecas. Então eu entendi que eu pertencia à leitura. Fui estagiária em um órgão do meu estado que ficava em uma biblioteca, eu passeava e mergulhava naquele lugar. Havia uma sala de HQs pela qual eu era apaixonada. Vez ou outra, para fugir das obrigações, pegava uma para ler. Assim, conheci o Pantera Negra e outros super-heróis da Marvel Comics e DC. Naquele ambiente eu me sentia em casa, nem imaginava que mais tarde estudar a materialidade fílmica daquele super-herói de Wakanda seria como maternar o meu TCC.

Pois bem, no contexto das minhas leituras acadêmicas, comecei a me perguntar onde estavam as vozes parecidas com a minha. Onde estavam as escritoras negras? Eu lia sobre romances clássicos, obras ímpares do romantismo, mas queria também ouvir as mulheres que escreviam sobre o agora, sobre a vida real, sobre dores que eu conhecia. A literatura que eu estudava era rica, mas faltava nela o espelho onde eu pudesse me ver inteira.

Foi nesse tempo que descobri bell hooks. E tudo mudou.

Ler *Tudo Sobre o Amor* foi como abrir uma janela em um quarto escuro. As palavras de bell hooks me tocaram profundamente. Senti que, finalmente, alguém falava comigo, e sobre mim. Foi um encontro com algo que talvez eu nunca tivesse acessado antes: minha ancestralidade pela

via da palavra. A partir dela, comecei a buscar outras autoras negras, outros olhares, outras perspectivas. Percebi que a literatura negra não era só resistência, mas também celebração, sabedoria, cuidado.

Hoje, ao decorrer do meu aprendizado, quero poder ecoar essas vozes. Quero que minha leitura seja também um ato político. Quero que minha escrita traga as marcas das mulheres que vieram antes de mim, que escreveram mesmo quando lhes faltava papel, tempo ou permissão. A literatura negra me mostrou que escrever é uma forma de permanecer, e tem muito a me ensinar, quero me debruçar de obras que versam sobre corpo, território, ausência, afeto, porque é duro ser mulher em um país que insiste em silenciar nossas palavras.

Para mim, literatura é travessia. É denúncia e cura. É possibilidade e recomeço. Gosto da literatura que fala de desigualdade, que incomoda, que mostra o que muitos preferem esconder. Por isso me identifiquei, no período de leituras na academia, tanto com os textos do Realismo e do Naturalismo, mas hoje entendo que a literatura crítica pode vir de muitos lugares, inclusive daqueles de onde não espera crítica alguma.

A leitura me ensinou a duvidar, a desconfiar das certezas fáceis, a perguntar mais do que responder. Deu-me ferramentas para construir um olhar mais atento e mais sensível. Permitiu que eu enxergasse o mundo com mais profundidade. E, mais do que tudo, ensinou-me a me enxergar também. Muitas vezes nos perdemos no nosso próprio eu e na correria louca e desenfreada desse mundo tecnoló-

gico, mecânico, rápido... que me faz pensar que estamos de fato no futuro do futurismo tendencioso do modernismo, por tanta cobrança por produtividade. Mas tudo bem, nunca é tarde para querer aprender de novo, para recomeçar, reaprender e ingressar no mundo profundo de ser leitor.

Hoje, sei que posso me reinventar. Que posso, a cada novo livro, nascer de novo. Sei que somos feitas de ciclos, e que a literatura é um deles. Por isso, termino com um dos meus poemas. Ele fala sobre existir e posso até fazer uma ponte sobre o que aprendi com as páginas que me atravessaram.

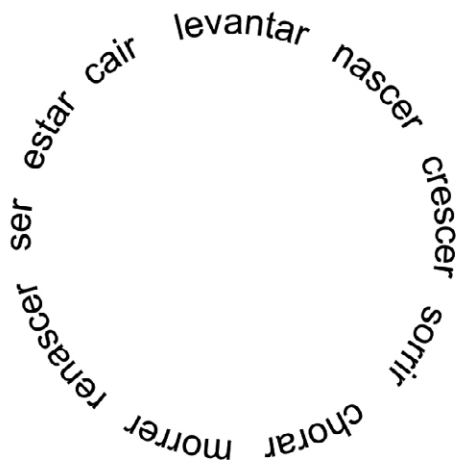
2.4

somos cíclicos
assim como o dia
e o anoitecer

amanhece
e o dia acontece

somos cíclicos
porque estamos
em constante
movimento

ser cíclico é ser isso



assim me transformo
me reaprendo
– Deus me livre de
não ser cíclico

É isso, caro(a) leitor(a), a literatura pode transformar.
Um xêro, Pri.

EM POUCAS PALAVRAS, UM TEMPO



Railson Santos do Carmo

Professor há mais de vinte anos, tenho uma relação mágica e transformadora com a leitura que vem desde as brincadeiras com textos não verbais. Nas minhas mais remotas lembranças vejo o menino sonhador que fazia cinema com as imagens de revistas, um espelho que refletia a luz nas imagens no escuro, nessas figuras o menino lia cenas e criava enredos. Num espaço de tempo em que as palavras ainda eram códigos indecifráveis, o pequeno sonhador decifrava o mundo por suas formas, cores e pelas palavras lidas por outros.

Não tenho lembrança de quando li pela primeira vez, lembro-me vagamente das primeiras leituras, que começaram a colorir a aquarela, ainda, inacabada desse ser em eterna formação. Recordo-me de um menino em um quarto de fundo de casa, com um pequeno livro velho que o prendia em seu enredo, esse livro em minha memória é algo sem título, sem cores de capa e sem formatos do interior. O que sobreviveu ao tempo foram rabiscos, quase apagados, do enredo. Tentando descrever um pouco dessa história posso dizer que essa narrativa tinha como personagem protagonista uma criança que viajava no tempo, nessa aventura a

criança revisitava momentos histórico do nosso Brasil. Respeitando as possíveis falhas de memória, é isso que consigo remoçar da minha primeira aventura com a leitura da palavra escrita.

Depois desse primeiro momento, passa por minha mente a visão de uma rede decorativa que ficava estendida na parede de minha casa e servia de suporte para algumas revistas que pertenciam a minha irmã mais velha. Com certeza devo ter lido algumas delas de forma aleatória. Minhas primeiras leituras mostram-se em minhas memórias qual uma colcha de retalhos, imagens inacabadas que teceram o imaginário primeiro desse leitor em formação.

Na adolescência era um jovem com imaginação fértil, muitas vezes, abstrata. Gostava de criar e ler histórias que transcendiam o real. Em um dado período entre minha adolescência e a idade adulta, tive meu primeiro contato com textos artísticos que se tornaram os primeiros responsáveis por minha formação literária. Esse contato, frutífero, foi com a “MPB” (Música Popular Brasileira), quiçá tenha sido um encontro da mesma forma que um jovem das décadas de 60/70 tenha tido com essas canções.

Tive o privilégio de ouvir grandes nomes desse gênero por intermédio de uma vitrola, de um vinil e seu chiado poético inigualável, sentado em uma poltrona de vime. Era uma visão do que é nostálgico e indescritível. O contato com as capas dos vinis, verdadeiras obras de artes, possibilitou a minha passagem da palavra cantada para a palavra escrita. Agora, além de ouvi-las, eu podia lê-las. Agora eu não queria apenas ouvir aquelas belas canções, era necessário interpre-

tá-las, estudá-las para poder ter uma maior contemplação do belo. Artistas como Chico Buarque de Holanda, Maria Bethânia, Milton Nascimento, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Gal Costa, Nana Caymmi e muitos outros foram um divisor de águas em meu existir.

Não tendo a pretensão de querer discutir se letra de música é ou não é literatura, afirmo que na minha trajetória de leitor as letras das canções foram o meu iniciar nas leituras de textos artísticos, desenvolveram minha capacidade de analisar com muita propriedade e firmeza os textos literários. Quantas tardes e noites passei embalado ao som de uma rede, acompanhado de uma boa música, para logo depois pegar a letra em mãos e tentar interpretá-la e, com isso, ter uma amplitude do maravilhoso. Embalado pelo violão e a voz de João Gilberto, pelo piano de Jobim, pela voz de Elis Regina, em transe com as letras de Caetano, Aldir Blanc, Cartola, Rita Lee e outros, conseguia sair do meu cotidiano para adentrar uma atmosfera de sonhos imaginação e criatividade.

Mesmo hoje, ainda, trabalhando com a MPB em sala de aula com meus alunos e sendo um ouvinte fervoroso e estudioso dessas canções, não tenho dúvida em dizer que foi naquele momento em que descobri essas canções que se deu o despertar de uma nova realidade em minha vida. E para concluir esse recorte de tempo em meus dias lanço mão de um verso presente em uma memorável canção de Chico César intitulada Mpb's que diz "Música e poesia do Brasil é bom estar a sós com vocês."

Em uma aula da antiga 8ª série fui apresentado à literatura, agora de forma consciente e sabendo do que se

tratava. E quem abriu para mim as portas cintilantes da literatura brasileira foi o trecho de um romance, daquele que foi e é o meu ser cicerone na literatura brasileira e universal. Este autor é nada menos que “O bruxo do Cosme Velho” Machado de Assis. O citado romance foi *Memórias póstumas de Brás Cubas*. O que dizer do momento em que li “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis”? O inenarrável traduziu-se em meu ser, desse instante foi um passo para Graciliano Ramos, Álvaro de Azevedo, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Guimaraes Rosa, João Cabral de Melo Neto e muitos outros brasileiros. Como, também, para os universais Homero, Dante Alighieri, Miguel de Cervantes e outros. Graças a um professor de português que amava a leitura, hoje sou um professor de português que ama literatura.

O leitor, por algum tempo, ousou ser escritor, mais precisamente poeta embebido dos autores da geração romântica de nossa literatura. Não sobravam folhas em branco, fundo de provas, onde surgisse espaço o poeta lançava sua ode à virgem de perfeição idealizada.

Lembro-me agora de um tempo em que tentei passar das palavras banhadas em poesia para as palavras dramatizadas. Foi o meu despertar para o teatro! O poeta agora queria ser dramaturgo! Salvem-me Shakespeare, Molière e Nelson Rodrigues! Nessa época queria transformar tudo em teatro. Era tudo o “Sonho de uma noite de verão”.

Veio a vida adulta, contas, trabalho, casamento, filhos e as leituras constantes ficaram um pouco de lado, entretanto, nunca esquecidas. De repente o mundo mergulha em

um capítulo inesperado de sua história, estávamos em uma pandemia, o que era para ser quinze dias de afastamento social tornou-se meses e o que era descanso converteu-se em angústia, agonia. Foi nesse cenário que tive o meu reencontro com a leitura literária. Consegui fugir, através dos livros, saí do meu cativeiro e viajei por outros mundos. No meu regressar às leituras literárias, tive contato com literatura russa, que passou a ser minha nova paixão literária com ênfase em Fiódor Dostoiévski e Liev Tolstói.

O primeiro livro que me apresentou a literatura russa foi *Noites brancas* de Dostoiévski. Com este livro tenho uma história interessante. Na minha adolescência, gostava de assistir a um programa de entrevista chamado “Provocações” com Antônio Abujamra. O entrevistador às vezes citava Dostoiévski. Na época eu não conhecia literatura russa e achei o nome tão interessante que fiquei com vontade de ler esse autor. Depois de alguns anos, ganhei alguns livros usados que estavam encadernados. O primeiro do qual tirei a encadernação que cobria a capa foi justamente *Noites brancas*. E naquele momento pude encontrar um pouco da minha atualidade nas entrelinhas daquelas páginas amarelas.

Do encontro com o livro e o autor nessa nova literatura a ser explorada surgiu um poema que foi a descrição, no presente momento, do que eu, como leitor, sentia.

Encontrei-me¹

Encontrei-me em Dostoiévski,
Em “Noites Brancas” defrontei-me
Com minha alma irmã,
Numa atmosfera minha.

Era meu retrato vivo,
Pois tudo que era do meu interior
Estava ali descrito, um solitário sonhador.

Tinha a figura desejada de mulher
No cenário imaginado e com o destino que
Me cabia, um idílio efêmero.

Pena não poder reviver o momento,
Que falta me faz Nastienhka
Ouvinte de minhas melancólicas confissões!

Sinto-me só! Perdido no tempo e espaço,
Vontade eu tinha de jogar-me nessas
Linhas familiares e adentrar este antigo mundo.

Nastienhka por que não encontro
Neste vasto planeta tua alma irmã?
Só tu serás capaz de compreender-me
E passar comigo quatro belas noites.

¹ ALMEIDA, Ivan (org.). *Focus antologia poética* V. Salvador, Editora Cogito, 2010.

Devaneios juvenis é o que descrevem esses versos. Ler é um eterno viajar e uma formação constante do indivíduo. Hoje trago, sempre que possível, para meus alunos a leitura de textos literários, procurando mostrar para meu aprendiz a importância da leitura em sua vida profissional e pessoal. Devemos saber que além de leitores podemos nos tornar escritores, pois o que melhor se aproxima de uma boa leitura e sermos lidos.

CULTIVO SILENCIOSO EM SOLO SECO: FRUTOS DE LEITURA



Rita Gois

Admiro com grande respeito, até com uma certa inveja, pessoas que possuem praticamente uma biblioteca em sua experiência de leitura. E não é só isso: a inveja ganha espaço também ao me deparar com mentes brilhantes capazes de escrever textos que extrapolam as palavras, ofertando aos leitores uma imensa experiência reflexiva que toca no íntimo dos sentimentos e emoções. Para mim, isso é um dom...um lindo dom!

Essa inveja tem uma razão: não me encaixo em nenhum destes perfis. Confesso (com uma certa vergonha), mas é a minha realidade. Gostaria muito de ser uma leitora insaciável, uma artista das palavras, porém cheguei à conclusão de que “o lindo dom” não foi a mim concedido.

Penso que ler é um hábito que precisa ser cultivado, incentivado, e esse incentivo se torna proficuamente eficaz quando vem pelo exemplo. Como dizem por aí: “as palavras convencem, mas o exemplo arrasta”. Em se tratando da minha vivência, não tive exemplo “que me arrastasse”. Nem posso dizer “infelizmente” porque meus pais tiveram outros e outros ensinamentos mais que valiosos na minha formação, no entanto a leitura não foi um deles. A lembrança mais viva

na mente se refere à minha mãe sempre com a Bíblia em mãos; ela lia todos os dias. Todas as sextas-feiras, às 18h, reunia os filhos para um culto em família cuja liturgia envolvia a leitura de um capítulo do Livro Sagrado por cada um da prole de 4 membros. Essa foi minha primeira experiência leitora marcante.

Sinceramente queria ter hoje lembranças afetivas ligadas aos meus pais num contexto de ter ouvido histórias antes de dormir, narrativas contadas de geração para geração... é uma pena não possuir tais riquezas emotivas.

Ainda quando criança, meus irmãos e eu tínhamos uma frequência acima da média ao dentista. Eu realmente queria saber por que a gente ia tanto àquele consultório!! Sempre fazendo obturações nos dentes, profilaxia, e hoje meus dentes são praticamente todos restaurados...bem, mas não é sobre isso, vou deixar este relato para uma outra oportunidade mais adequada ao contexto (hahaha). O fato é que chegávamos ao consultório dentário e ficávamos um longo período esperando o atendimento. Enquanto isso, líamos vários gibis que ficavam numa mesinha ali na sala de espera. Disso eu tenho uma lembrança gostosa e nostálgica, pois não tive outro momento em que me dessem acesso aos gibis, e eu amava histórias em quadrinhos! Lia, dava risadas, viajava nas narrativas, nas situações inusitadas, identificava-me com alguns personagens, realmente uma experiência linda e enriquecedora como uma pequena leitora. A expectativa de ir ao dentista estava totalmente ligada a essas leituras e ficava confabulando com meus irmãos: “será que hoje vai ter alguma revistinha nova”?

Em nossa casa, havia uma estante repleta de livros! Embora nunca tenha visto meus pais pegarem um sequer para ler, às vezes minha mãe folheava um deles em especial que continha receitas de remédios naturais, os quais eram administrados para tratamento das várias doenças infantis como gripe, dor de barriga e verme, tudo diagnosticado pela “doutora mamãe” que nunca foi à escola de medicina e raramente nos levava ao médico.

Quanto ao meu pai, que sempre trabalhou como empregado de banco, JAMAIS o vi ler um livro! Nunca mesmo! Ele não gostava de bíblia e nem de ir à igreja. Ouvia algumas leituras de maneira forçada pela esposa que tentava, a duras penas, convencê-lo a ser ouvinte e praticante, assim como ela era (e quem dera ele tivesse dado ouvidos desde cedo, teria nos poupado de grande parte do sofrimento que causou, mas isso é uma história à parte.)

Voltando ao meu pai-leitor (não-leitor), a única lembrança que me ocorre é a de quando ele decidiu concorrer a uma vaga de gerente, subir de nível na carreira. Como trabalhava o dia todo, estudava às noites para se preparar para a prova. Lembro-me da cena, uma rede no quintal dos fundos, e meu pai com uma apostila nas mãos. Foram várias noites com essa rotina, e tal esforço foi recompensado com sua sonhada aprovação. Esse episódio ilustra que, embora a leitura não fosse um hábito disseminado em nossa dinâmica familiar, a valorização da educação formal estava presente e era levada a sério por todos os membros da família, inclusive por minha mãe, que concluiu o Ensino Médio somente após ter criado os quatro filhos.

Apesar desse compromisso com a escolarização, a leitura enquanto prática prazerosa e formativa não foi cultivada nem por mim, nem por meus irmãos. Durante o período escolar, tive contato com algumas obras clássicas da literatura brasileira — como *Senhora*, de José de Alencar; *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo; e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis — porém, tais leituras eram motivadas por exigências curriculares e não por afinidade ou encantamento pessoal. Recordo-me de ter lido essas obras com o intuito de cumprir o conteúdo exigido, sem, contudo, estabelecer vínculos afetivos ou estéticos com os textos.

No período da graduação, tive o privilégio de estudar com professores incríveis. Em Literatura Brasileira, teve destaque para mim a leitura de *Terra Papagalli*, uma paródia bem-humorada de alguém que foi trazido de Portugal para viver no Brasil. Amei esta leitura e ela rendeu um trabalho de fim de semestre que foi bastante elogiado pela professora, e isso merece ser relatado pois a mesma não tinha fama de tecer elogios, era tida como “exigente”, “ranzinza”.

Ao longo da graduação, recebi quatro presentes maravilhosos, colegas que se tornaram mais que amigas e, juntas, obtivemos certo destaque na turma por realizar belos trabalhos e apresentações baseadas em diversas obras. Dentre estes, marcou-me o trabalho com o filme 1492, *A Conquista do Paraíso*. Particularmente, sou bem mais adepta aos filmes que aos livros. Então, esse filme conquistou minha afeição e me inspirou a elaborar uma brilhante apresentação acadêmica com a minha “equipe de milhões”. Fomos aplaudidas pelos demais colegas e pela professora. Infelizmente muitas

das lembranças da graduação foram se esmaecendo devido ao tempo.

Embora eu não seja um exemplo de leitora ou amante de livros e literatura (sou bem mais chegada à linguística e gramática), ao atingir maior maturidade, tomei a decisão de ler mais. Assumindo uma postura crítica sobre mim mesma, percebi que estava gastando tempo demais com as redes sociais. Isso me provocou um imenso incômodo em uma determinada noite quando, chegando exausta em casa após o terceiro turno de trabalho, encontrei-me largada no sofá com a tela do celular nas vistas. A intenção era ir diretamente para meu quarto repousar para, logo ao amanhecer, novamente estar de pé para outro dia de trabalho. Porém, ao me dar conta de que já havia passado mais de uma hora rolando tela, senti asco de mim mesma! E aí senti-me impelida a usar o tempo livre de forma mais produtiva. Até porque já usei, em diversas situações, a justificativa: não tenho tempo! Aaaahhhh, o tempo é o mesmo para todos, mas a forma como lidamos com ele é o que faz toda a diferença. Foi então que decidi colocar a leitura no meu cotidiano.

Dessa decisão, surgiram alguns bons frutos. Um destes foi o incentivo à leitura da minha primogênita. Até então ela tinha o exemplo de uma mãe dedicada aos estudos, que obteve a graduação aos 23 anos de idade, conseguiu aprovação em alguns concursos públicos e que agora se dedica a um Mestrado. Todavia, eu queria que ela também tivesse na rotina e na lembrança a imagem de uma mãe que sempre se encontrava com um livro entre as mãos. A leitura bíblica já faz parte da rotina de minhas filhas desde o nascimento.

Como cristã praticante, sempre tive como prioridade ensinar a elas o caminho do bem, ensinado por Jesus Cristo nos evangelhos e em toda a escritura sagrada. Além dessa leitura, elas possuem uma pequena biblioteca composta de gibis, livros infantis e romances. Diante desse cenário, já consigo vislumbrar no cotidiano delas uma realidade bem diferente da minha, pois elas sempre me veem com um livro à mão. A pequena pede para contar historinhas à noite, e a mais velha já possui uma lista razoável de livros lidos... e continua lendo!

Por falar em mestrado, uma nova experiência de leitura se realizou para mim: leitura de livros de poemas e a interpretação deles e de toda a estrutura dos livros. Eu costumava ler um poema ou outro, de autores selecionados como célebres, do cânone. E os mesmos tinham um certo padrão estrutural, rigor poético de rima, etc. Agora me vejo diante de um cenário contemporâneo de ruptura com o tradicional, sem rimas, estruturas sem padrão algum, formas aleatórias, enfim. Ainda estou digerindo essas novas formas de fazer poesia e tem sido uma vivência enriquecedora e diferente.

Meu gosto de leitura talvez não seja o mais “aceito” pela cultura popular atual. Correndo o risco de ser ridicularizada, mas sem temor algum de que isso ocorra, ousa agora relatar com detalhes em que consiste meu prazer em leitura: a Bíblia. Embora a maioria das pessoas taxem esse livro como ultrapassado, ele me traz muito mais que conhecimento.

A leitura bíblica é uma fonte inesgotável de sabedoria, consolo e direção para a vida. Ao mergulhar nas Escrituras,

entro em contato com uma narrativa profunda que atravessa séculos, revelando a história da relação entre Deus e a humanidade. Cada livro da Bíblia traz ensinamentos que transcendem o tempo e o espaço, abordando temas como amor, fé, justiça, misericórdia e esperança. A riqueza do texto bíblico está não apenas em seu conteúdo espiritual, mas também em sua contribuição cultural e literária, influenciando a arte, a música, o direito e a ética em diversas sociedades.

Além disso, a leitura da Bíblia me proporciona um momento de reflexão pessoal e espiritual. Ela me convida ao autoconhecimento, ao arrependimento e ao crescimento interior. Por meio dos Salmos, encontro palavras para expressar alegrias e angústias; nos Evangelhos, vejo o exemplo de vida de Jesus, que me inspira ao amor ao próximo e à prática do bem. Ler a Bíblia com frequência fortalece a fé, guia decisões e dá sentido à vida em meio às incertezas do cotidiano.

Por fim, a importância da leitura bíblica também está em sua capacidade de transformar vidas. Muitos testemunham mudanças profundas a partir do contato com a Palavra de Deus. Eu mesma sou um exemplo de vida transformada e guiada pelos ricos conselhos desta literatura sagrada. Para mim, ela é uma fonte de esperança em momentos de crise, de orientação em tempos de dúvida e de paz em meio à aflição. Ao ser lida com o coração aberto e com disposição para ouvir, a Bíblia se torna um instrumento poderoso de renovação espiritual e moral, ajudando-me a viver com mais propósito e em comunhão com Deus e com os outros.

Além da Bíblia, leio livros de cunho cristão de orientações sobre família e criação de filhos, organização finan-

ceira, educação, relacionamentos interpessoais, vida profissional, saúde física e mental. Valorizo sobremaneira estas leituras porque elas não me trazem apenas o conhecimento, mas muito além disso, ensinam-me a viver nos diversos contextos em que convivo. Sinto-me impelida a me tornar melhor, a cada dia, como mulher, mãe, educadora, amiga, filha, profissional...e essas leituras têm me ajudado a crescer em todos os sentidos.

Diante dessa minha trajetória, e consciente da mulher que sou hoje, vejo-me ainda com um longo caminho a trilhar. O gosto pela leitura está sendo alimentado a cada dia, página por página, tornando-me uma leitora mais assídua. Espero ser, para minhas filhas, um exemplo de pessoa culta, estudiosa e leitora. Que elas reconheçam, ao chegar à maturidade, que fui muito mais que uma mãe que alimentou, protegeu e disciplinou; quero ser a mãe que lhes abriu as portas do conhecimento amplo de vida, posicionamento crítico e reflexivo advindo das leituras. A mãe que as fez viajar por páginas de imaginação e fantasia, criando memórias ricas em afetividade e amor.

CONSELHO EDITORIAL

Ana Maria de Menezes

Christina Bielinski Ramalho

Fábio Alves dos Santos

Gilvan Rodrigues dos Santos

Jorge Carvalho do Nascimento

José Afonso do Nascimento

José Eduardo Franco

José Rodorval Ramalho

Justino Alves Lima

Luiz Eduardo Oliveira

Martin Hadsell do Nascimento

Rita de Cácia Santos Souza

EU, LEITOR EU, LEITORA

ORGANIZAÇÃO:

Christina Ramalho

Sara Rogéria Santos Barbosa



AUTORES:

Cristiane Costa

Fabiana Maria Barros Soares

Ghislain Santoni

Guilherme Andrade Gois

Janaine Santana de Souza

Jéssica Maria Pinto

Joabe Garcia

Kátia Mirelle

Leandra Brandão

Luciana Arcanjo

Patrick Wallas

Pricila Horrana

Railson Santos do Carmo

Rita Gois



PROFLETRAS